

Cameralata Antiqua de Curitiba



TEMPORADA 2011
2º SEMESTRE



Camerata
Antiqua
de Curitiba

Está aberta mais uma temporada de óperas, paixões e réquiems. No repertório, a tradição de cantar, tocar... e encantar. Obras dos grandes nomes da música clássica, erudita e contemporânea já ecoam nas vozes e nos acordes da Camerata Antiqua de Curitiba há 37 anos, e até dezembro, uma programação intensa dá continuidade à temporada 2011 desta que é uma das grandes referências do cenário cultural da cidade.

A cada concerto uma experiência única, uma oportunidade de apreciar a versatilidade e o talento do coro e da orquestra de cordas que, conduzidas pela batuta do diretor artístico do grupo Wagner Polistchuk e de maestros convidados, interpretam composições consagradas de todos os cantos do mundo.

Tchaikovsky, Mozart, Beethoven, Verdi, Brahms, Ginastera, Händel... Nas próximas páginas, um cardápio delicioso para uma degustação auditiva com a participação de músicos convidados daqui e de outros países, que reiteram a excelência artística das apresentações.

Manter um grupo como a Camerata Antiqua de Curitiba ao longo desses anos de formação é, para a Fundação Cultural de Curitiba, reforçar a cada concerto, o compromisso de preservar e investir no patrimônio cultural da nossa sociedade.

Roberta Storelli

Presidente da Fundação Cultural de Curitiba

Ao longo de seus 37 anos de existência, a Camerata Antiqua de Curitiba consolidou-se como um grupo de grande prestígio nacional, oferecendo ao público seu trabalho de excelência artística. Instalada em nova sede desde 2008, a Camerata Antiqua é referência determinante da cultura curitibana. A exemplo do que ocorria na Europa e nos Estados Unidos, a proposta inicial do grupo, criado em 1974 pelo maestro Roberto de Regina e pela cravista Ingrid Seraphim, baseava-se na pesquisa e interpretação da música antiga e, para tal, contava com uma formação camerística bastante apropriada, coro e orquestra de cordas. Após vários anos de dedicação exclusiva à música do Barroco e da Renascença, a Camerata passou a se dedicar também ao repertório de compositores contemporâneos nacionais e estrangeiros e, nos últimos anos, obteve sucesso e reconhecimento em diversas estreias nacionais e mundiais, inclusive de obras comissionadas especialmente para o grupo. Com um currículo respeitável, que inclui a gravação de oito LPs, seis CDs e centenas de apresentações no Brasil e exterior, a Camerata Antiqua de Curitiba revela sua versatilidade graças à capacidade técnica de seus músicos na interpretação tanto do repertório antigo quanto do contemporâneo. Em 2009 o maestro Wagner Polistchuk assume a direção artística da Camerata Antiqua de Curitiba, que passa por uma ampliação ao agregar aos quadros da orquestra e do coro músicos brasileiros e estrangeiros. A participação de renomados solistas e regentes convidados – uma constante na programação da orquestra – acrescida ao talento individual de seus integrantes, solidificou a qualidade artística do grupo, dirigindo-o para um repertório eclético e ousado.

A Camerata



TEMPORADA 2011 | 8



9 | CAMERATA ANTQUA DE CURITIBA



Formado em 1974 como um dos frutos dos Festivais de Música da cidade, o Coro da Camerata Antiqua de Curitiba, composto por cantores com sólida formação musical, é uma das maiores referências da música vocal no estado do Paraná. Desde o início de suas atividades, tanto nas apresentações junto à Camerata Antiqua de Curitiba sob a regência de seu fundador, o maestro Roberto de Regina, quanto nos concertos *a cappella* dirigidos pelo maestro Gerard Galloway, o grupo destacou-se pela originalidade e leveza na interpretação da música barroca e renascentista. Com o passar do tempo, a música contemporânea e as estreias de peças escritas especialmente para o coral passaram a integrar os concertos, imprimindo ao grupo a sua característica mais marcante, ou seja, a de transitar com autoridade por um vasto e eclético repertório.

O coral recebeu várias críticas favoráveis por sua discografia e por suas apresentações no Brasil e no exterior. Entre os concertos internacionais mais significativos podemos citar: a turnê por cinco cidades alemãs com a Orquestra de Câmara da Filarmônica de Arad – Romênia, em 2006; a turnê por Portugal realizando concertos *a capella* e com a Orquestra Sinfônica da Póvoa do Varzim, em 2007; os concertos no “8th World Symposium on Choral Music” na Dinamarca, em 2008, e os concertos no “18º Festival Corale Internazionale – La Fabbrica Del Canto” na Itália, em 2009. Em 2009 o maestro Wagner Polistchuk assume a direção artística da Camerata Antiqua de Curitiba, que passa por uma ampliação ao agregar aos quadros da orquestra e do coro músicos brasileiros e estrangeiros. Com a contratação de 4 cantores, o Coro da CAC passou a dispor de 20 vozes. Está sob a regência de Helma Haller e até agosto de 2011 recebeu orientação de técnica vocal de Neyde Thomas.



A Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba foi fundada em 1974 como um dos grupos integrantes da Camerata Antiqua de Curitiba, um projeto pioneiro do maestro Roberto de Regina e da cravista Ingrid Seraphim, para interpretar a música dos séculos XVII e XVIII. Ao longo destes 37 anos de existência, a OCCC esteve sob a direção de importantes regentes convidados, acompanhou renomados solistas brasileiros e estrangeiros e obteve enorme reconhecimento nacional. Alguns anos após sua criação, motivada pelo grande crescimento técnico dos seus instrumentistas, a orquestra passou a se dedicar também à música clássica, romântica, contemporânea e à música brasileira de todos os tempos, escrita para cordas. O repertório amplo e original, que inclui diversas primeiras audições mundiais, tornou-se uma das características do grupo e parte deste repertório, com obras de compositores brasileiros contemporâneos, foi registrada em CD.

A Orquestra já se apresentou em inúmeras cidades brasileiras e participou dos principais festivais de música do país. Em 1994, foi selecionada para integrar o projeto “Brasil Musical”. Aberta a experiências com música popular, a OCCC realizou turnês com o grupo “Nouvelle Cuisine” em 1991, e com os principais nomes da música instrumental brasileira, entre eles Egberto Gismonti, Wagner Tiso e Zimbo Trio. O reconhecimento internacional foi alcançado por meio de diversos concertos memoráveis tais como: os do Festival Cultural de Sinaloa, no México, em 1990, e do Festival Brasileira II, em Copenhague, Dinamarca, em 1997. Em 1999, durante a turnê italiana, foram apresentados o concerto de abertura das Comemorações do V Centenário da República do Brasil no Instituto Italo-Latino-Americano, Palácio de Santa Croce e Igreja dos Portugueses, em Roma; e o concerto no “51º Prix Itália”, da rede de televisão estatal-RAI, em Florença, durante a cerimônia de entrega do “Prêmio Especial ao Presidente da República do Brasil” pelos 500 anos de descobrimento. Em 2009 o maestro Wagner Polistchuk assume a direção artística da Camerata Antiqua de Curitiba, que passa por uma ampliação, ao agregar aos quadros da orquestra e do coro músicos brasileiros e estrangeiros. Esse constante processo de atualização e desenvolvimento artístico garante à Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba o título e a honra de ser uma das principais orquestras de câmara do Brasil.



A Orquestra



Diretor Artístico

Encontramos-nos agora em meio à nossa temporada oficial de 2011, com ainda nove novos programas a serem apresentados. Hoje, e cada vez mais, a programação e a qualidade artística da Camerata Antiqua de Curitiba se tornaram uma referência no cenário musical brasileiro, não só por sua programação variada, mas também pelo ecletismo de seus instrumentistas e coralistas. Com a diversidade conceitual do público de Curitiba cada novo programa é um ponto culminante na programação, enfim, um grande painel estético elaborado para surpreender o povo curitibano a cada apresentação.

Os desafios continuam e estaremos trabalhando para atingirmos os objetivos principais de levar a boa música à cidade de Curitiba e também ao Brasil todo, assim como fizemos em apresentações durante o mês de julho no Festival de Inverno de Campos do Jordão e na Sala São Paulo.

Um bom segundo semestre e final de temporada de apresentações da CAC em 2011 a todos que nos prestigiam!!

Wagner Polistchuk

Diretor Artístico da CAC

A Camerata é:

Maestro emérito **Roberto de Regina**

Diretor artístico **Wagner Polistchuk**

Orquestra

Violinos I: Winston Ramalho (spalla ensaiador convidado), Marco Damm (concertino), Atli Ellenderson, Martina Lohmann, Vanessa Savytzky Schiavon **Violinos II:** Paulo Hübner (solista), Francisco de Freitas Jr., Moema Cit Meyer, Silvanira Bermudes e Walter Hoerner

Violas: Flávia Motta (solista), Aldo Villani, Helena Alice Carollo Damm, Roberto Hübner e Edna Rytzmann Savytzky (licenciada)

Violoncelos: Faisal Hussein (solista), Ivo Meyer e Thomas Jucksch

Contrabaixo: Pablo Guiñez (solista) e Martinho Lutero Klemann

Coro

Sopranos: Ana Vargas, Darci Almeida, Luísa Favero, Naura

Sant'Ana e Sílvia Suss Marques **Contraltos:** Ariadne Oliveira, Cissa Duboc, Daniele Oliveira, Fátima Castilho e Mirta Schmitt

Tenores: Alexandre Mousquer, Ivan Morais, Maico Sant'Anna,

Marcos Brito, Sidney Gomes **Baixos:** Ademir Maurício, Cláudio de Biaggi, Fernando Klemann, José Brazil e Marcelo Dias

Regente do Coro: Helma Haller

Pianista Co-repetidora: Clenice Ortigara

Orientadora Vocal: Neyde Thomas (*in memorian*)

Ficha Técnica

Assistente da direção artística **Darci Almeida**

Assessoria da coordenação de música erudita **Márcia Squiba**

Representantes **Ivan Morais, Francisco de Freitas Jr.**

Coordenador administrativo e de produção **Agnaldo Oliveira**

Assistentes de produção **Alício Cardoso, Altair de Oliveira,**

Elizabeth Carlos, Valdecir Pereira

Arquivista **Cornelis Kool**

Programas

Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba

MÚSICA RUSSA

12 AGOSTO SEX 20h

13 AGOSTO SÁB 18h30

Local Capela Santa Maria Espaço Cultural

Solistas

Violino **Andréa Campos** (pág 54)

Violino **Priscila Vargas** (Brasil/Suíça) (pág 54)

Piano e Cravo **Davi Sartori** (pág 54)

Regente **Danielle Lisboa** (Brasil/Canadá) (pág 55)

PROGRAMA

Yuri Abdokov (1967)

"Osennie molitvy" – Orações de Outono (2009) 7'30 ()*

Alfred Schnittke (1934-1998)

Concerto Grosso nº 1 para Dois Violinos, Cravo, Piano preparado e 21 Cordas (1976-77) 32' ()*

1. Prelúdio: Andante
2. Toccata: Allegro
3. Recitativo: Lento
4. Cadenza
5. Rondó: Agitato
6. Postludio: Andante. Allegro. Andante

Piotr Ilich Tchaikovsky (1840-1893)

Serenata para Cordas em Dó Maior, Op. 48 (1880) 30'

1. Pezzo in forma di sonatina
2. Valse
3. Élégie
4. Finale: Tema russo

(*) Estreia OCCC

Alfred Garrievitch Schnittke

(Engels, Rússia, 24 de Novembro de 1934 – Hamburgo, Alemanha, 3 de agosto de 1998)

Foi o compositor mais importante a surgir na Rússia, logo após Dmitri Shostakovich. E sua música, nos primeiros anos, demonstrava uma forte influência desse compositor. Desenvolveu uma técnica poliestilística em trabalhos como a sua épica Sinfonia nº 1 (1969-1972) e o seu Primeiro Concerto Grosso (1977). Com a saúde deteriorada, a sua música começou por abandonar a maior parte da extroversão do seu poliestilismo, retraindo-se num estilo mais retirado e deserto. Filho de alemães, um jornalista judeu e uma professora de origem católica iniciou seus estudos musicais em Viena. Aos 14, mudou-se para Moscou onde se formou em piano e regência coral. Graduiu-se no Conservatório de Moscou, onde concluiu a pós-graduação e trabalhou como professor até os 38 anos de idade. A partir de 1972, dedicou-se ao cinema e compôs mais de 60 trilhas sonoras em menos de 12 anos. Paralelamente aos filmes, alcançou prestígio internacional pela composição de seu Concerto Grosso nº 1, passando a reger suas obras. Recebeu prêmios e condecorações na Europa e nos Estados Unidos. Em 1985 sofreu o primeiro de uma série de derrames, que o levaram à morte aos 64 anos.

Se Alfred Schnittke é um “garoto propaganda” do pós-modernismo musical, seu **Concerto Grosso nº 1** (1977) é o seu trabalho de maior amplitude; sua obra-prima. Um dos poucos trabalhos orquestrais escritos depois de 1945 a pertencer ao repertório de grupos do mundo todo. A fusão inquieta de antigo e novo, graves e agudos, sério e cômico capta o que há de mais ‘Schnittkeano’ sobre Schnittke. Este desvelar é também a estratégia composicional central de Schnittke, algo que ele chama de “poliestilismo”. O Concerto Grosso nº 1 começa com o piano preparado apenas, soando notavelmente como um monte de painéis e frigideiras caindo ao longo de uma infantil “canção sentimental”. Somente após este agourento “prelúdio”, é que os outros instrumentos começam. O segundo movimento (Toccata) começa como uma mordaz paródia de Vivaldi, mas rapidamente transforma-se em uma parede

de ferozes dissonâncias. Começa uma corrida infeliz através da história da música: caixa de música mozartiana, período heróico de Beethoven, uma paródia exagerada das primeiras ideias da escala de doze tons de Webern; um a um se afogando em uma corrente cacófona, uma desarmonia à espreita de todos os outros estilos. O movimento termina com os solistas se batendo mecanicamente em meio a esfaqueantes acordes orquestrais. Schnittke continua a sequência de concerto barroco com o recitativo lento. Solistas e orquestra mantêm firmemente um jogo de pergunta e resposta, mas os contornos são desfocados por grossas dissonâncias cromáticas e uma lamentação perturbadora. O Recitativo eventualmente recai em um lento glissando, modelado em forma de um grito; e ainda através desta fúria estática, é possível perceber a piada real, conforme os solistas tentam perfurar e impedir dicas do famoso concerto de violino de Tchaikovsky. Uma *cadenza* inflexível e confusa para os solistas culmina em um rondó, no qual, em certo ponto, Vivaldi retorna; assim como também faz a “Avó Schnittke,” apreciando seu tango favorito no cravo. O tango salta dentro da luta, junto com todo o resto, e o rondó, modelo da forma musical “uma-coisa-aps-a-outra”, agora se torna um jogo de “todas-as-coisas-ao-mesmo-tempo.” O tom é catastrófico, mas extremamente sério. E, rapidamente, o piano preparado arrasa com seu retorno à canção sentimental. O remanescente poslúdio fornece uma anticonclusão adequada, apesar dos flutuantes fragmentos de temas e estilos, o concerto inteiro agora está descansando sobre uma tela luminosa de harmônicos. Schnittke aqui aperfeiçoa sua própria conclusão arquetípica, permeando seus trabalhos da década seguinte: um tom condenado e supremamente aberto para o futuro. Ao mesmo tempo epitáfio e fênix, a obra abraça o paradoxo da música de Schnittke e o magnetismo desta magnífica obra.

Piotr Ilitch Tchaikovsky

(Kamsko-Wotkinski Sawod, atual Tchaikovsky, União Soviética, 7 de maio de 1840 – São Petersburgo, União Soviética, 6 de novembro de 1893)

“Nunca estou longe do piano, me alegra quando estou triste”, disse Piotr Ilyitch Tchaikovsky, o compositor russo mais conhecido do planeta. Homossexual, sofreu com o preconceito de contemporâneos e com inúmeras desilusões amorosas. A difícil experiência de vida foi a grande responsável por sua música, altamente emotiva, dramática e carregada de sentimentos.

Serenata para Cordas em Dó Maior, Opus 48

Após ter hesitado entre uma sinfonia ou um quinteto de cordas, estreou na versão para cordas, no Conservatório de Moscou, a 21 de novembro de 1880. A obra é considerada ainda hoje uma das composições mais definitivas e marcantes do final da era romântica. Em sua partitura original, Tchaikovsky supostamente escreveu: “quanto maior a orquestra de cordas, melhor serão preenchidos os desejos do compositor”.

Primeiro movimento: Pezzo in forma di Sonatina. Segue o estilo solene das aberturas francesas. A segunda parte é formada por três temas. O movimento está estruturado no estilo clássico de sonata.

Segundo movimento: Walzer. É uma das partes mais conhecidas da obra em forma de valsa, sendo que a parte central é formada por uma série de arpejos descendentes em modo menor e em constante modulação tonal.

Terceiro movimento: Élegie. Com caráter quase religioso que se transforma num trecho de grande lirismo na parte central do movimento. Após o retorno ao primeiro tema, surge a coda final.

Quarto movimento: Finale. São dois temas russos tirados de uma coletânea de Mily Alexeyevich Balakirev (1837-1910). O primeiro tema é ritmado, característico por suas síncopes, e o segundo é alegre e enérgico. Podem representar uma festa campesina.

Camerata Antiqua de Curitiba

RÉQUIEM DE MOZART*

26 AGOSTO SEX 20h
27e28 AGOSTO SÁB 18h30

Local Capela Santa Maria Espaço Cultural

Solistas

Soprano **Adélia Issa** (pág 55)

Contralto **Denise Sartori**

Tenor **Miguel Geraldi**

Baixo **Pepes do Valle**

Regente **Wagner Polistchuk** (pág 55)

Órgão **Clenice Ortigara** (pág 61)



Wolfgang Amadeus Mozart

* Concerto em homenagem à vida e obra da cantora Neyde Thomas.

PROGRAMA

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)

Réquiem em ré menor KV626 (1791)

I. Introitus: Requiem aeternam (coro e soprano solo)

II. Kyrie eleison (coro)

III. Sequentia:

Dies irae (coro)

Tuba mirum (soprano, contralto, tenor e baixo solo)

Rex tremendae majestatis (coro)

Recordare, Jesu pie (soprano, contralto, tenor e baixo solo)

Confutatis maledictis (coro)

Lacrimosa dies illa (coro)

IV. Offertorium:

Domine Jesu Christe (coro quarteto solo)

Versus: Hostias et preces (coro)

V. Sanctus:

Sanctus Dominus Deus Sabaoth (coro)

Benedictus (quarteto solo e choir)

VI. Agnus Dei (coro)

VII. Communio:

Lux aeterna (soprano solo e coro)

Compositor e Obra

Wolfgang Amadeus Mozart

Nome completo: Johann Chrysostom Wolfgang Amadeus Mozart

(Salzburg, Áustria, 27 de janeiro de 1756 – Viena, Áustria, 5 de dezembro de 1791)

Foi um compositor prolífico e influente do período clássico, autor de mais de 600 obras – muitas tidas como referências da música sinfônica, concertante, operística, coral, pianística e de câmara – e um dos compositores de música clássica mais popular de todos os tempos. Mozart mostrou uma habilidade prodigiosa desde sua infância, em Salzburgo. Já competente nos instrumentos de teclado e no violino, começou a compor aos cinco anos de idade e passou a se apresentar para a realeza da Europa. Aos dezessete anos foi contratado como músico da corte em Salzburgo, porém sua inquietação o fez viajar em busca de um novo cargo, sempre compondo profusivamente. Ao visitar Viena, em 1781, foi afastado de seu cargo em Salzburgo, e optou por ficar na capital, onde, ao longo da vida, conquistou fama, porém pouca estabilidade financeira.

O **Réquiem em Ré menor** (KV626) é uma missa fúnebre do compositor austríaco Wolfgang Amadeus Mozart, de 1791, sua última composição e talvez uma de suas melhores e mais famosas obras, não apenas pela música em si, mas também pelos debates em torno de até qual parte da obra foi preparada por Mozart antes de sua morte. Teria sido posteriormente finalizada por seu amigo e discípulo Franz Xaver Süssmayr.

O Réquiem é sem dúvida, de todas as obras de Mozart, aquela que mais chegou até nós envolta num manto de romantismo e fantasia. “Nenhuma outra obra de Mozart causou tamanho derrame de tinta”, escreveu Alfred Einstein, um dos mais respeitados biógrafos do compositor austríaco. O que é certo, é que muita dessa fantasia se veio a revelar verdadeira. Um misterioso mensageiro veio realmente encomendar uma missa fúnebre a Mozart. Esta pessoa, de quem não sabemos a identidade, entregou uma carta a Mozart, pouco antes de uma visita sua a Praga para a estreia da ópera “La Clemenza di Tito”, aquando da Coroação do Imperador Leopold II, perguntando-lhe se estaria disposto a compor um Réquiem, por que preço, e quanto tempo iria

demorar ele a executar o trabalho, denotando uma certa urgência no pedido.

Habitado a não dar um passo sem o consentimento da sua esposa Constanze, falou-lhe acerca da estranha comissão, ao mesmo tempo que partilhava com ela a sua vontade de se embrenhar neste tipo de obra. Ela aconselhou-o a aceitar a comissão e ele escreveu então ao misterioso mensageiro a dizer-lhe que aceitava o trabalho e por que contrapartida monetária. Preocupou-se também em saber a identidade do destinatário a quem deveria entregar a sua obra.

O mensageiro voltou pouco depois, trazendo não só os honorários combinados, mas também a promessa de que iria ser bem recompensado no final. Não deveria no entanto preocupar-se em saber a identidade do patrono, pois essa busca poderia tornar-se infrutífera... (sabe-se hoje que o Réquiem foi encomendado pelo Conde Walsegg-Stuppach, em memória da sua esposa, e que este tinha o hábito de encomendar obras a vários compositores, copiando-as depois para as apresentar ele próprio no seu meio. Quando a condessa faleceu a 14 de Fevereiro de 1791, encomendou um monumento e uma missa fúnebre e o seu advogado vienense, Dr. Johann Sortschan, foi presumivelmente o estranho que apareceu a Mozart com a comissão).

No seu regresso de Praga, começou a trabalhar na obra com alguma regularidade até que a doença o abraçou, envolvendo-o em escuridão e melancolia. A sua esposa notou esta tristeza. Um dia, quando passeavam os dois pelo Prater no intuito de o divertir e animar, Mozart começou a falar em morte e afirmou que estava a escrever o Réquiem para si próprio.

A natureza misteriosa desta obra é devida em parte, ao facto de que não existem muitas referências autênticas pela parte de Mozart acerca do Réquiem. Não figura no Catálogo das suas Obras..., visto que ele apenas as inscrevia na sua lista depois de acabadas. A primeira página do manuscrito é encabeçada, reverentemente, pelas palavras “di me W.A.Mozart m[anu] pr[opria]. [1]792” – um ano que

Mozart não viveu para ver; sabe-se agora que estas palavras foram forjadas pelo seu aluno Süssmayr. A única carta em que Mozart fala da sua última criação data de Setembro de 1791, mas é tida também como um embuste. Foi supostamente escrita em Viena para Da Ponte e a (agora perdida) carta contem a seguinte passagem: “Eu não consigo tirar da minha cabeça a imagem desse estranho. Vejo-o constantemente a perguntar-me, solicitando-me e implorando-me impacientemente que complete a tarefa... é o meu Requiem [‘canto funebre’], não o posso deixar inacabado.”

Pois inacabado foi precisamente como Mozart o deixou. Constanze virou-se primeiro para Joseph Eybler, um compositor admirado por Mozart, para que completasse o trabalho. Ele assinou um contrato com a esposa de Mozart a 21 de Dezembro de 1791, mas abdicou pouco depois, tendo orquestrado grande parte da “Sequenz” directamente na pauta original. Constanze virou-se depois para outros compositores, mas todos recusaram. Surgiu então Franz Xaver Süssmayr, um aluno de Mozart, mais novo dez anos que o seu mestre, que fez parte do círculo da família durante o último ano de vida do compositor, não só como aluno, mas também como amigo, confrade e alvo das piadas de Mozart. Süssmayr era um homem ocupado em 1792, tinha a seu cargo encomendas para a época teatral de Viena. À parte do Requiem, ele ainda completou o chamado primeiro concerto para trompa de Mozart, K.386b (412 + 514) e teve lições de composição de que tanto precisava com Salieri. A relutância de Constanze em entregar-lhe o trabalho teve a sua justificação não apenas nas imperfeições que estragaram o texto de família, mas também na sua modesta desculpa quase uma década depois (8 de Fevereiro de 1800), quando respondeu a Breitkopf & Härtel acerca da sua contribuição para o Requiem de Mozart: “o meu trabalho não é digno deste grande homem.”

Apesar das inúmeras críticas à orquestração de Süssmayr, feitas quer por musicólogos, quer por maestros de renome como Richard Strauss e Bruno Walter, esta continua a ser a versão comumente aceite e tocada em todo o mundo. Mas não é de estranhar que alguns músicos dos nossos dias tenham a intenção de apresentar uma versão que possa ser mais próxima das verdadeiras intenções de Mozart: Benjamin Britten e, mais recentemente, Richard Maunier na Inglaterra ou Franz Beyer na

Alemanha, para indicar apenas alguns dos exemplos mais proeminentes. Os musicólogos não estão em total acordo sobre quem escreveu quais seções, deixando de parte os detalhes relacionados com a orquestração, do manuscrito original do Requiem, mas a base dessa discussão é provavelmente a que se segue:

- I. Introit: Requiem aeternam [Mozart]
- II. Kyrie [Mozart, parte da instrumentação por Süssmayr e talvez outra parte por F.J.Freystädtler]
- III. Sequenz: Dies irae [Mozart e Süssmayr*]
Tuba mirum [Mozart e Süssmayr]
Rex tremendae [Mozart e Süssmayr]
Recordare [Mozart e Süssmayr]
Confutatis [Mozart e Süssmayr]
Lacrimosa [Mozart (compassos 1–8), Süssmayr depois]
- IV. Offertorium: Domine Jesu e Hostias [Mozart, Süssmayr e depois Abbé Maximilian Stadler]
- V. Sanctus [Süssmayr]
- VI. Benedictus [Süssmayr]
- VII. Communion: Lux aeterna [Süssmayr, baseado no ‘Introit’ e no Kyrie em ré menor, KV 341(368a)]

Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba

MÚSICA INGLESA

16	SETEMBRO	SEX	20h
17	SETEMBRO	SÁB	18h30

Local Capela Santa Maria Espaço Cultural

- Solistas
- Tenor **Sérgio Wernec Jr.** (pág 56)
- Trompa **Zora Slokar** (Suíça)
- Regente **Stefan Geiger** (Alemanha) (pág 57)



Benjamin Britten

PROGRAMA

Benjamin Britten (1913-1976)

Serenata para Tenor, Trompa e Cordas, Op. 31 (1943) 22’ ()*

- 1. Prologue
- 2. Pastoral (texto de Cotton)
- 3. Nocturne (texto de Tennyson)
- 4. Elegy (texto de Blake)
- 5. Dirge (texto anônimo do Séc. XV)
- 6. Hymn (texto de Jonson)
- 7. Sonnet (texto de Keats)
- 8. Epilogue

Benjamin Britten (1913-1976)

Sinfonia Simples, Op. 4 (1934) 16’

- 1. Boisterous Bourrée
- 2. Playful Pizzicato
- 3. Sentimental Sarabande
- 4. Frolicsome Finale

Gordon Jacob (1895-1984)

Concerto para Trompa e Cordas (1955) 24’ ()*

- 1. Allegro moderato
- 2. Adagio
- 3. Allegro con spirito, quasi presto

(*) Estreia OCCC

Compositores e Obras

Benjamin Britten

(Lowestoft, Suffolk, Inglaterra, 22 de novembro de 1913 – Aldeburgh, Suffolk, Inglaterra, 4 de dezembro de 1976)

Seu pai era um cirurgião-dentista, sua mãe uma musicista amadora com uma voz encantadora. Benjamin, o mais jovem de quatro filhos, não era um garoto comum. Ele escreveu sua primeira composição aos cinco anos. Aos sete, começou a ter aulas de piano e, aos dez, aprender viola. Aos doze, Benjamin começou a estudar composição com o compositor Frank Bridge. Britten podia faltar na escola para suas aulas de composição que, às vezes, duravam até nove horas seguidas. Aos 14 anos, Britten já tinha escrito um oratório, dez sonatas, seis quartetos de cordas, e numerosas outras peças menores. Aos dezessete, ele ingressou no Royal College of Music e ali se tornou um pianista extraordinário; simultaneamente continuou seus estudos em composição – apesar de que nenhum de seus professores foi tão bom quanto Frank Bridge. Durante toda a sua vida Britten foi casado com o tenor Peter Pears, seu colaborador, companheiro e amante, intérprete de quase toda a sua obra musical. Peter Pears foi um tenor de grande talento, dono de uma voz magnífica, comparada à pureza de um clarim. Quando eclodiu a Segunda Guerra Britten e Spears se mudaram para a América, onde ficaram três anos. Lá o compositor escreveu seu primeiro trabalho dramá-

tico, a ópera Paul Bunyan, baseada em um libreto de seu amigo W. H. Auden. A peça não atingiu o sucesso esperado e ficou no ostracismo por um período de trinta anos. Saudoso de sua pátria, Britten retornou para a Inglaterra, oportunidade em que passou a produzir suas melhores obras. Entre elas vale destacar os cânticos natalinos, um grupo de canções escritas para serem interpretadas pelo seu amado Pears, que Britten batizou de **Serenata para Tenor, Trompas e Cordas**. A **Simple Symphony** ou Sinfonia Simples foi originalmente escrita para uma orquestra de estudantes, ela também é passível de ser executada por quarteto de cordas. Sua estreia se deu em 1934, em Norwich, com o próprio compositor conduzindo uma orquestra amadora. A obra, como consta na partitura, é dedicada à Audrey Alston (Sra. Lincolne Sutton), que foi sua professora de viola durante sua infância e o apresentou à música do compositor Frank Bridge, que também viria a ser seu professor. Ela é baseada em oito temas, dois por movimento, que Britten escreveu durante sua juventude e pelos quais ele tinha certa predileção. Ela foi composta quando o compositor tinha vinte anos, tendo sido iniciada em 23 de dezembro de 1933 e finalizada em 10 de fevereiro do ano seguinte.

Gordon Percival Septimus Jacob

(Londres, Inglaterra, 5 de julho de 1895 – Saffron, Walden, Inglaterra, 8 de junho de 1984)

“O compositor pode admirar muitos de seus ilustres antecessores e contemporâneos e pode amar o trabalho deles. Mas ele não vai demonstrar esses sentimentos através da imitação de seus estilos, mas se esforçando para chegar perto do espírito de aventura e independência de pensamento em seu próprio trabalho”. Gordon Jacob, do livro “Os elementos da orquestração”. A carreira de Jacob terminou quase antes de começar. O mais novo de dez irmãos, alistou-se na artilharia do exército para servir quando tinha 19 anos, e foi feito prisioneiro de guerra em 1917, um entre 60 sobreviventes do seu batalhão de 800 homens. Após ser liberado, estudou jornalismo por um ano. Estudava também composição, teoria, e regência. Infelizmente, por causa de uma fissura congênita

no céu da boca e um ferimento na mão ocasionado na infância, suas habilidades instrumentais eram limitadas; estudou piano, mas nunca teve uma carreira como executante. Em comum com a geração de compositores britânicos que inclui Vaughan Williams, Irlanda, Howells, Bax tinha o fato de também ter estudado com Charles Villiers Stanford. Dennis Brain, para quem a obra foi dedicada, fez a primeira apresentação do **Concerto para Trompa** de Gordon Jacob, em 1951. Em seus comentários, afirmou que a obra chega quase a ser uma serenata para cordas em diálogo com a trompa solista e que Jacob ainda faz com que o solista tenha que trabalhar bastante na parte aguda do instrumento.

Coro da Camerata Antiqua de Curitiba

MANY NATIONS, ONE WORLD

23	SETEMBRO	SEX	20h
24	SETEMBRO	SÁB	18h30

Local Capela Santa Maria Espaço Cultural

Regente **Dr. R. Paul Crabb** (EUA) (pág 57)

Piano **Clenice Ortigara** (pág 61)

Clarinete **Jairo Wilkens** (pág 58)

Participação **Canarinhos de Campo Largo** (pág 57) Regente **Théo de Petrus** (pág 58)

PROGRAMA

I.

Heinrich Schütz (1585-1672)

Verleih uns Frieden genädiglich SWV372 (de Geistliche Chormusik) (1648) 2'13

Aaron Rosenthal (1975)

Vozes de Terezin (*)

II. The Little Mouse (O Ratinho) (Koleba Košek, Löwy Bachner) 3'

III. The Butterfly (A Borboleta) (Pavel Friedman) 5'

Carol Barnett (arr.) (1949)

Dança de Zálongo (Música Folclórica Grega) para coro, coro de crianças, piano e percussão 4' ()*

II. Unindo nossas diferenças espirituais

Ronald Staheli (arr.)

How Can I Keep from Singing (Quaker Hymn c. 1800 or American Folk Hymn) 3' ()*

Sir Charles Villiers Stanford (1852-1924)

Beati Quorum via, Op. 38 nº3 (1890) [do Ciclo Three Motets] 4' ()*

Craig Kingsbury (1952)

Ave Maria (*)

III. Unindo-se com a natureza

Claudio Monteverdi (1567-1643)

Ecco mormorar L'onde (Livro II de Madrigais) (texto de Torquato Tasso) (1590) 3'

Stephen Chatman (1950)

How Sweet and Fair, para Coro e Clarinete (textos de Edmund Waller e Robert Herrick) (2001) 6' (*)

1. Go, Lovely Rose
2. To Daffodils

Morton Lauridsen (1943)

Mid-Winter Songs (poemas de Robert Graves) (1980) 2' (*)

4. Mid-Winter Waking

Eric William Barnum (1979)

The Sounding Sea (texto de George William Curtis) (2009) 5' (*)

IV. E as pessoas cantam...

Matthew Harris (1956)

It Was a Lover and His Lass (nº 1 do Livro III do Ciclo de Canções de W. Shakespeare) (1992) 3' (*)

Kiril Hristov (1875-1941)

Ne Moy Peya (Canção folclórica Búlgara) [Don't Sing, Morning Bird] (editado por R. Paul Crabb) 3'16 (*)

Jaroslav Krček (arr.) (1939)

Jede Sedlák (Canção folclórica Tcheca) [The Farmer Goes to the Mill] 3'20 (*)

(*) Estreia CORO da CAC

Compositores e Obras

Heinrich Schütz

(Köstritz, Alemanha, 9 de outubro de 1585 – Dresden, Alemanha, 6 de novembro de 1672)

É considerado o mais importante compositor antes de Johann Sebastian Bach e um dos mais importantes compositores do século XVII, junto com Claudio Monteverdi.

A música de Schütz é de caráter predominantemente religioso, e sua intensa piedade o imbuíu de grande capacidade de expressão emocional. Dominou a escrita para grandes grupos tão bem quanto para os reduzidos, e suas Paixões, para pequenos conjuntos, talvez estejam entre suas obras mais impressionantes. Embora sua imensa produção – a maioria sacra – fosse fortemente influenciada pelos estilos italianos, suas obras dramáticas corais, inspiradas pelos ideais de Lutero, puseram a música alemã no mapa. Schütz gozou de vida longa e frutífera, apesar da morte precoce de sua mulher e filho.

Aaron Rosenthal

(Boston, EUA, 1975)

Nasceu em Boston e cresceu em Norfolk, VA, onde recebeu seu treinamento inicial de música como pianista e violinista. Como bolsista da *Trustees* por quatro anos, Rosenthal graduou-se *Summa cum Laude* da Universidade de Boston, em 1997, com diploma de Bacharel em Música, em Composição.

Ele é organista na Igreja Metodista Unida no Carter Memorial em Needham e pianista para a missa de domingo à noite na Igreja Missionária em Boston. Rosenthal estudou com William Albright, Charles Fussell, Arthur Gottschalk, Marjorie Merryman, Ellsworth Milburn e Tison Street. Recentes honras incluem premiações da ASCAP e da *New Music Delaware* 1998 por seu Quinteto de Metais. Também em 1998 ele foi primeiro prêmio no Concurso Internacional de Composição de Música de Câmara, patrocinado pelo Trio de Palhetas de New England (*Loco Roco*), e no Concurso de Composição da GBCC (Greater Boston Choral Consortium) por sua obra *Voices of Terezin* (Vozes de Terezin).

Em 1648, quando ele publicou sua ***Geistliche Chormusik*** (música coral espiritual), Heinrich Schütz já tinha sido diretor musical da famosa Corte de Dresden famosa por quase 35 anos. A maior parte desse período tinha sido ofuscada pela calamitosa Guerra dos Trinta Anos, que teve um efeito devastador na vida em muitas partes da Europa. A guerra, que terminou no mesmo ano em que a publicação de Schütz apareceu, teve um efeito considerável na vida musical em Dresden, onde a Capela tinha trabalhado com um número muito reduzido de músicos. Os 29 motetos que formam o ***Geistliche Chormusik*** refletem essa economia de meios. Há alguma disputa entre os estudiosos para saber se a coleção foi planejada como um ciclo ou é simplesmente uma coleção de algum material pré-existente reunido para publicação.

A versão original de ***Voices of Terezin*** foi comissionada por David Belles e o Coro Feminino do Colégio Earlham em 1995, em homenagem ao 50º Aniversário da libertação da cidade de Terezin ao final da Segunda Guerra Mundial. Sua estreia se deu por este mesmo grupo, em 3 de junho de 1995, em Earlham, IN, e regido por David Belles. Em 1996, Dick Garner requereu ao compositor a finalização do arranjo atual para a formação de coro misto e piano. Logo após, foi programado pelo Coro de Câmara do Colégio Albertson para sua Turnê de Concertos pela Costa Oeste, em abril de 1997, e dirigido pelo Professor Garner. Terezin era um campo de concentração fora da cidade de Praga, criado em 1942. Os planos nazistas eram de promover Terezin à categoria de 'campo modelo', para ser mostrado aos estrangeiros, particularmente aos representantes da Cruz Vermelha. Entre os prisioneiros estavam alguns dos mais talentosos pintores, escritores e músicos da Europa Oriental. Apesar das terríveis condições ali existentes, a música e a arte

floresciam, e crianças participavam de concursos de poesias e noite de leituras. Os textos para *Voices of Terezin* foram escritos pelas crianças em Terezin e mais tarde compiladas em uma coleção intitulada 'I *Never Saw Another Butterfly*' (Eu nunca mais vi outra borboleta). Das 15 mil crianças que foram levadas a Terezin, menos de cem sobreviveram.

Carol Barnett

(EUA, 1949)

A Música de Carol Barnett foi chamada de audaciosa e cativante. Seu catálogo variado inclui obras para voz solo, piano, coro, conjuntos de câmara diversificados, orquestra e banda sinfônica. Ela já foi comissionada pela *American Guild* de organistas, Orquestra de Minnesota, a Orquestra de Câmara de Saint Paul, a *Harvard Glee Club*, *Vocal Essence*, a Associação de Professores de Música de Minnesota e pelo Teatro Infantil de Minneapolis. Recebeu subsídios da Fundação Jerome, da Fundação Camargo, do Comitê de Pesquisa Interuniversitário em Chipre e da Fundação McKnight. Uma presença de longa data na cena musical de Minnesota, Barnett é um dos membros fundadores do Fórum de Compositores Americanos. É graduada pela Universidade de Minnesota, onde estudou composição com Dominick Argento e Paul Fetter, piano com Bernard Weiser e flauta com Emil J. Niosi. Ela foi compositora em residência com o grupo *Warland Dale Singers* entre 1992 e 2001 e atualmente leciona na Universidade de Augsburg, em Minneapolis.

Este canção folclórica grega nos lembra de um ato heróico das mulheres da vila de Souli, que dançaram até a beira de um canyon próximo chamado **Zálongo**, e, assim, uma a uma se atirou à morte, em vez de se deixarem capturar pelos inimigos.

Dr. Ronald Staheli

Dr. Staheli é o Coordenador da Divisão de Coral e Regência e Diretor de pós-graduação em música coral da Universidade Brigham Young. Ele também aparece regularmente como maestro em performances envolvendo os Coros e Orquestra da Universidade Brigham Young. Tem viajado intensamente como clínico e maestro convidado, e se tornou

conhecido pela sua profunda noção de fraseado e articulação, que permeia todo o seu trabalho. Em julho de 2001, Dr. Staheli regeu um concerto inteiramente dedicado a Mozart, com coros do Festival Coral Internacional de Zimriya. Dr. Staheli foi palestrante convidado no Quarto Simpósio Coral International em Sydney, na Austrália, onde os cantores da Universidade Brigham Young também realizaram concertos na mundialmente famosa Opera House e Câmara Municipal. Viajou, acompanhado do coro, para o Oriente Médio, Rússia, Europa Ocidental e Oriental, Sul do Pacífico e África Ocidental. Dr. Staheli é um excelente pianista e prepara regularmente muitos dos arranjos realizados pelos cantores da BYU, muitos dos quais são agora publicados.

Há vários anos Dr. Staheli encontrou um antigo hino Shaker (***How Can I Keep from Singing***) em que texto e música retratam um tipo de vida possível quando mente e coração são combinados em fé e testemunho, para atender e ultrapassar o clamor e desgraças do mundo. O texto evidencia um coração e uma mente que são calmos, humildes, pacientes, cheios de amor e dispostos a se render ao Senhor. O texto possui uma franqueza e fervor que invocam nobreza na busca da justiça. O texto é nascido do coração e apresentado por uma notável melodia, aparentemente formado ou desgastado por uma vida de lágrimas e sofrimento. No entanto, é uma melodia de tanta perfeição que na sua concepção emerge uma sensação de conforto e paz.

Sir Charles Villiers Stanford

(Dublin, Irlanda, 30 de setembro de 1852 – Londres, Inglaterra, 29 março de 1924)

Compositor irlandês que viveu na Inglaterra durante a maior parte de sua vida. Filho de John de Stanford, que era um examinador no Supremo Tribunal de Justiça. Ambos os pais conheciam música: seu pai era um baixo (voz) e também tocava violoncelo, enquanto sua mãe tocava piano. Charles estudou violino, piano e composição orquestral. Em 1862, ele se mudou para Londres para estudar sob a tutela de Arthur O'Leary e Pauer Ernst. Mais tarde tornou-se diretor de Música da Universidade de Cambridge. Entre 1874 e 1877, obteve per-

missão de viajar uma vez por ano para completar seus estudos na Alemanha, onde estudou com Carl Reinecke e Kiel Friedrich. Stanford ganhou o título de Bacharel em Artes, em 1874, e de Mestrado em Artes, em 1878. Em 1883, ele recebeu título de doutor honorário da Universidade de Oxford e, em 1888, da Universidade de Cambridge. Stanford era conhecido por suas obras corais, geralmente responsável por festivais de música da província. Além disso, suas peças de música sacra ainda são usadas nas igrejas anglicanas.

Os Três motetos, Op.38, para coro a cappella foram publicados em 1905, mas provavelmente datam de 1892, ano em que Stanford desistiu de seu posto como organista do Trinity College de Cambridge. Os motetos são dedicados ao seu sucessor, Alan Gray, e ao coro do Colégio, e estão entre as melhores de suas composições corais. ***Quorum Beati via*** é apresentado em seis partes, com sopranos e baixos divididos, e em um caráter meditativo. Efetivo é o uso das partes contrastantes com três vozes superiores e três inferiores, e a peça, com razão, é considerada como uma das mais requintadas composições a cappella de Stanford. O texto é do Salmo 119, verso 1.

Craig Kingsbury

(Portland, Oregon, EUA, 1952)

Craig graduou-se em composição musical na Universidade da Califórnia do Sul. Ele trabalhou durante vários anos em Los Angeles como cantor, maestro coral e arranjador, e passou dois anos na Europa cantando oratórios e óperas. Atualmente reside em Portland, Oregon, onde faz arranjos e produz gravações para uma editora de música litúrgica.

A tradicional ***Ave Maria*** aqui encontra um arranjo pungente para um coro bastante experiente. Acorde exuberantes, passagens polifônicas e algumas partes divididas a quatro vozes, tanto para os homens quanto para as mulheres, são adicionados a este drama. Comissionado pelos *Southern California Singers*, é uma obra in memoriam (9 de novembro de 2001) dedicada ao seu diretor Dr. Paul T. French.

Claudio Giovanni Antonio Monteverdi

(Cremona, Itália, 15 de maio de 1567 – Veneza, Itália, 29 de novembro de 1643)

Monteverdi desenvolveu sua carreira trabalhando como músico da corte do duque Vincenzo I Gonzaga, em Mântua, e depois assumindo a direção musical da Basílica de São Marcos, em Veneza, destacando-se como compositor de madrigais e óperas. Foi um dos responsáveis pela passagem da tradição polifônica do Renascimento para um estilo mais livre, dramático e dissonante, baseado nas convenções do baixo contínuo e da harmonia vertical, que se tornaram as características centrais da música dos períodos seguintes, o Maneirismo e o Barroco. Monteverdi é considerado o último grande madrigalista, certamente o maior compositor italiano de sua geração, um dos grandes operistas de todos os tempos e uma das personalidades mais influentes de toda a história da música do ocidente. Não inventou nada novo, mas sua elevada estatura musical deriva do fato de ter empregado recursos existentes com uma força e eficiência sem paralelos em sua geração e integrado diferentes práticas e estilos em uma obra pessoal rica, variada e muito expressiva, que continua a ter um apelo direto para o mundo contemporâneo, ainda que ele não seja exatamente um compositor popular nos dias de hoje.

Monteverdi tinha apenas 23 anos de idade quando publicou seu ***Segundo Livro de Madrigais***, em 1590, mas já era um mestre nesta forma. Até os quarenta anos, Monteverdi trabalhou essencialmente com madrigais, compondo um total de nove livros. Estas peças espirituosas, com sua configuração e textos bem elaborados, são obras de arte da antiga polifonia do Renascimento tardio. Ao todo, os primeiros oito livros dos madrigais mostram o desenvolvimento enorme da música polifônica renascentista ao monódico estilo típico da música.

Stephen George Chatman

(Faribault, Minnesota, EUA, 28 de fevereiro de 1950)

É um compositor canadense. Chapman estudou com Ross Lee Finney, Leslie Bassett, William Bolcom e Eugene Kurtz. Em 1973 foi agraciado com uma Bolsa *Fulbright Hays* para estudar com Karlheinz Stockhausen na *Hochschule für Musik* de Colônia na Alemanha. Ele ganhou três prêmios BMI de Compositor Estudante (1974-6) e recebeu um prêmio do Instituto Nacional de Artes e Letras dos Estados Unidos em 1975; uma bolsa do National *Endowment for the Arts*, em 1977, e, no ano seguinte, um subsídio do Fundo *Martha Baird Rockefeller* para ajudar na gravação da obra *On the Contrary*, pelo selo de gravação *Composers' Recording*. Stephen Chapman começou a lecionar composição e orquestração na Universidade de British Columbia em 1976, e foi o primeiro compositor em residência de British Columbia nos anos de 1988 e 1989. Foi também compositor em residência para a Orquestra Jovem Nacional do Canadá em 2004. Como codiretor do grupo de música nova da Universidade de Músicos Contemporâneos de British Columbia, ele deu aulas para Glenn Buhr, Arne Eigenfeldt, Mark Armanini, Peter Hatch, Melissa Hui, Ramona Luenzen e John Oliver.

A obra ***How Sweet and Fair***, para Coro e Clarinete, foi encomendada, em junho de 2001, pela Associação Coral Mount Royal para a celebração do 20º aniversário de Coral Jovem Mount Royal, Calgary.

Morten Johannes Lauridsen

(Colfax, Washington, EUA, 27 de fevereiro de 1943)

Lauridsen foi compositor residente do Los Angeles Master Chorale (1994–2001) e tem sido professor de composição da Escola de Música Thornton da Universidade da Califórnia do Sul por mais de 30 anos. Nascido em uma família de imigrantes da Dinamarca, ele foi criado em Portland, Oregon, onde sua mãe trabalhava como arquivista e seu pai no Serviço Florestal dos Estados Unidos. Sua mãe era pianista e tinha tocado na banda da escola. Isso fez com que Lauridsen desenvolvesse um amor pela música muito cedo, pois a mãe tocava e cantava

jazz para ele. Aos oito anos ele começou a tocar piano, e alguns anos mais tarde ele aprendeu a tocar o trompete.

The Mid-Winter Songs (Canções do Meio-Inverno) sobre poemas de Robert Graves foi encomendada pela Universidade do Sul da Califórnia para comemorar seu centenário, em 1980, e estreou naquele mesmo ano pelos *USC Chamber Singers*, regida por Rodney Eichenberger. O ciclo, desde então, foi amplamente executado em ambas as versões: original para coro/piano (gravado por coral *Cross-Ties*, regidos por Bruce Browne, no CD: *Lauridsen: O Ciclo Coral Completo*), e a versão subsequente para coro/orquestra, encomendada e estreada pela Orquestra de Câmara de Pasadena, no Auditório Ambassador em 1983 e gravado pelo *Los Angeles Master Chorale*, regido por Paul Salamunovich, no CD: *Lauridsen: Lux Aeterna*. Ao ler Graves (1895-1985), o compositor ficou muito tocado com a riqueza, elegância e beleza extraordinária de sua poesia e ideias sobre a experiência humana. Cinco poemas diversificados com um motivo comum de “inverno” (um dos temas favoritos do compositor, rico em simbolismo paradoxal sobre a morte/rejuvenescimento, luz/escuridão, dormir e acordar) sugeriram um ciclo musical coeso.

Eric William Barnum

(Crookston, Minnesota, EUA, 1979)

É um compositor americano de obras corais, instrumentais e vocais. Atualmente é estudante de doutorado de Regência Coral na Universidade de Washington, Seattle. Barnum estudou composição e voz na Universidade Estadual Bemidji, em Minnesota, onde teve aulas com o Dr. Patrick Riley. Mais tarde, estudou composição e regência com David Dickau na Universidade Estadual de Minnesota. A música de Barnum está intrinsecamente vinculada ao texto, frequentemente escolhido de fontes litúrgicas em latim ou da poesia inglesa. Muita importância é dada à linha melódica em todas as vozes. Inesperadas, mas maravilhosas, as progressões harmônicas evocam cenas místicas da natureza e do espírito. Barnum é influenciado pelas composições de John Tavener, Arvo Part, Gerald Finzi e Thomas Newman.

A obra ***The sounding sea*** foi encomendada pelos Iowa State Singers. Este trabalho criativo e desafiador inspira os cantores a chegar a um nível mais alto de desempenho. Eric Barnum consegue casar perfeitamente texto e música para criar uma vista ‘oceânica’ maravilhosa no som.

Matthew Harris

(EUA, 1956)

Matthew teve obras orquestrais apresentadas pelas orquestras de Minnesota, Houston, Florida, Jacksonville, Chattanooga, Spokane e Modesto. Trabalhos para Música de Câmara pelo Quarteto Lark, pelo Grupo de Música Nova de New York e pela Liga-ISCM, além de obras vocais para Sheryl Studer e Faith Esham. O *National Endowment for the Arts* concedeu-lhe por duas vezes uma bolsa de estudo para compositor. Outras bolsas e subsídios vêm da *New York Foundation for the Arts*, *Tanglewood*, *Meet The Composore*, da *MacDowell Colony* e *Yaddo*. Ganhou prêmios de composição que incluem os do *Chautauqua Chamber Singers*, *Georges Enesco Foundation*, *Society for New Music*, *National Association of Composers*, *Musicians Accord*, *Taubman Institute*, *ASCAP* e *BMI*. Harris estudou na *The Juilliard School*, Conservatório de New England e *Harvard University*. Ele lecionou na Universidade de Fordham e Kingsborough College (CUNY) e em 1988 fundou a Harris Musicology. Vive e trabalha em Nova York.

As ***Canções de Shakespeare*** (*Shakespeare Songs*) são seus arranjos para as letras das canções das peças de Shakespeare. O ciclo todo compreende 14 canções, divididas em quatro livros. O Livro III foi completado em 1992. Em vez dos animados rompantes encontrados em outros trabalhos sobre estes textos, a versão de Harris para “*It Was a Lover and His Lass*” é um idílio lento e gentil de um amor jovial que acontece na primavera. O Livro III foi estreado pelo *New Amsterdam Singers*, dirigido por Clara Longstreth, em Nova Iorque em 14 de março de 1992, além de ter recebido o primeiro prêmio no Concurso de Composição de *Chautauqua Chamber Singers* em 1993.

Kyрил Khristov

(Varna, Bulgária, 14 de dezembro de 1875 – Sofia, Bulgária, 23 de janeiro de 1941)

Compositor, regente coral, musicólogo, professor e membro da Academia de Ciências da Bulgária (1929), Khristov estudou com A. Dvorak no Conservatório de Praga. Voltou a Varna em 1903 e fixou residência em Sofia, em 1907. Regeu diversos grupos corais, incluindo coros de trabalhadores e de igreja. Lecionou também na Academia de Música do Estado, de 1922 a 1933. Figura importantíssima na música vocal clássica búlgara, Khristov abriu o caminho para o desenvolvimento de um estilo nacional na música clássica búlgara. Ele compilou e pesquisou o folclore musical dos búlgaros e outros povos dos Bálcãs. A influência folclórica é evidente em suas obras como a *Overture Ivalio* (1907), *The Tutrakan Epic* (1917), a balada coral *Dobrinka and the Sun* (1931) e, em várias suítes corais, o chamado *veaki* (coroas). Khristov, um dos maiores musicólogos da Bulgária, trouxe para suas obras um academismo de todas as possibilidades e recursos rítmicos das danças e canções folclóricas búlgaras, como o uso de padrões rítmicos assimétricos. As obras teóricas de Khristov incluem *As Bases Rítmicas da Música Folclórica* (1913) e *A Estrutura Técnica da Música Folclórica Búlgara* (1928).

Kyрил Khristov explica que esta música representa um tema frequentemente encontrado na história Búlgara: a luta pela liberdade e pela independência da Bulgária, cujo povo sempre se refugiou nas montanhas para escapar de seus inimigos. Em raras ocasiões estes jovens saíam de seus esconderijos para encontrar com a família, amigos e amantes. ***‘Don’t Sing, Morning Bird’*** fala de amantes que não queriam ouvir o canto dos pássaros, pois isto significaria que a noite estaria acabando e eles precisariam partir, e ficaria a pergunta: será que haverá um novo encontro?

Jaroslav Krček

(Ctyri Dvory, perto de Ceske Budejovice, República Tcheca, 22 de abril de 1939)

Jaroslav Krček é tcheco, produtor de rádio, maestro, compositor de música clássica e folclórica e inventor de instrumentos musicais. Krček estudou na Escola de Música B. Jeremiáš, em České Budějovice, antes de estudar composição com Miloslav Kabeláč e regência com Bohumír Liška, ambos no Conservatório de Praga. Em 1968-70, sob os auspícios da rádio Tchecoslovaca, foi realizado um curso de música eletrônica e concreta com a participação do compositor, já que a direção do curso seria de seu professor, o compositor Miloslav Kabeláč. Algumas das músicas de Krček são inspiradas na música Checa antiga e nas canções medievais e renascentistas, nos hinários do século XVI e na música barroca. Também interessado em música folclórica dos séculos XVIII e XIX, Krček fez arranjos para centenas de canções e danças folclóricas. Tem feito um trabalho extenso, sistemático e criativo na estruturação do folclore e das obras musicais anônimas. Krček já gravou mais de 50 álbuns com suas composições e canções folclóricas. Jede sedlák é um arranjo inspirado no folclore tcheco.



A MÁQUINA DO TEMPO

30	SETEMBRO	SEX	20h
01	OUTUBRO	SÁB	18h30

Local Capela Santa Maria Espaço Cultural

- Ator **Ivan Moraes** (pág 59)
Soprano **Ana Vargas** (pág 59)
Regente **Beatriz De Luca** (pág 58)
Piano e Órgão **Clenice Ortigara** (pág 61)
Percussão **Luís Fernando Diogo**
Direção Cênica **Jacqueline Daher** (pág 59)
Iluminação **Nádia Luciani**
Texto **Walter Thomaz Jr.**

PROGRAMA

1581 - Trecho de “Weep, O mine eyes” de John Bennet (1570-1610) (adaptação Beatriz De Luca)

Orlando di Lasso (1532-1594)
O la! Che bon eccho! (1581) (versão Beatriz De Luca)

1741 - Trecho da “Paixão segundo São João - Lasset uns dens nicht zerteilen” de Johann Sebastian Bach (1685-1750) (adaptação Beatriz De Luca)

George Frideric Händel (1685-1759)
O Messias (Aleluia) (1741) (arr. Marcelo Schimenes de Oliveira)

1791 - Trecho de “Dies Irae” do “Requiem” de W. A. Mozart (1756-1791) (adaptação Beatriz De Luca)

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)
A Flauta Mágica (Ária da Rainha da Noite) (1791) (arr. Beatriz De Luca)
Soprano Solo **Ana Vargas**

1824 - Trecho da “Sinfonia nº5” de Ludwig van Beethoven (1770-1827) (adaptação Beatriz De Luca)

Ludwig van Beethoven (1770-1827)

Sinfonia nº 9 (Ode à alegria) (1824) (arr. Marcelo Schimenes de Oliveira)

1842 - Trecho de “O Lago dos Cisnes” de Piotr Ilitch Tchaikovsky (1840-1893) (adaptação Beatriz De Luca)

Giuseppe Verdi (1813-1901)

Nabucco (Va, Pensiero) (1842) (arr. Marcelo Schimenes de Oliveira)

1937 - Trecho do “Bolero” de Maurice Ravel (1875-1937) (adaptação Beatriz De Luca)

Carl Orff (1895-1982)

Carmina Burana (Fortuna Imperatrix Mundi) (1937) (arr. Marcelo Schimenes de Oliveira)

2007 - Clusters (arr. Beatriz De Luca)

Hans Zimmer (1957)

Piratas do Caribe (He's a Pirate) (2007) (arr. Marcelo Schimenes de Oliveira)

Philip Glass (1937)

Koyaanisqatsi (Vessels) (1981) (arr. Beatriz De Luca)

Compositores e Obras

Orlando di Lasso

(também Orlandus Lassus, Orlande de Lassus, Roland de Lassus ou Roland Delattre)
*(Mons, província de Hainaut, Bélgica, 1532 –
Munique, Alemanha, 14 de junho de 1594)*

O compositor flamengo Roland de Lassus, também conhecido como Orlando di Lasso por ter vivido na Itália, difundiu seu estilo, paradigma da música vocal renascentista, nas várias cortes europeias em que trabalhou. Na infância, foi cantor de coro. Viajou com o exército imperial de Carlos V na campanha francesa de 1544 e acompanhou o séquito imperial à Itália, onde permaneceu por dez anos e chegou a ocupar o cargo de maestro de capela da igreja de São João de Latrão, em Roma. Após breve estada em Antuérpia, foi contratado, em 1555, pelo duque Alberto V

da Baviera, que seria seu protetor e mecenas até o fim da vida. Lasso compôs mais de duas mil obras. Entre as principais encontram-se sua primeira série de motetes (1556) e, talvez sua obra mais conhecida, a coleção *Psalmi Davidis poenitentiales* (Salmos de penitência de Davi), datada de 1584.

“*Ola! O che bon echo!*” é uma canção em eco, sarcástica e divertida. Em certo sentido, não é a representação fiel de seu estilo, pois notavelmente suas obras nunca se assemelham umas às outras. A única exceção é o uso consistente do jogo de palavras, que nesta canção ‘eco’ é óbvio. Um ilustre professor, o musicólogo Paul Boepple, escreveu: “das 2000 composições de Lassus, 760 foram escritas para Santos e o resto para os pecadores e admiradores. Esta é uma canção deste ‘resto’.

Georg Friedrich Händel

(Halle an der Saale, Alemanha, 23 de fevereiro de 1685 – Londres, Inglaterra, 14 de abril de 1759)

Foi um célebre compositor da Alemanha, naturalizado cidadão britânico em 1726. Desde cedo mostrou notável talento musical, e a despeito da oposição de seu pai, que queria que ele fosse advogado, conseguiu obter um treinamento qualificado na arte da música. A primeira parte de sua carreira foi passada em Hamburgo, como violinista e maestro da orquestra da ópera local. Mais tarde foi para a Itália, onde conheceu a fama pela primeira vez, estreando várias obras com grande sucesso e entrando em contato com músicos importantes. Em seguida foi indicado mestre de capela do Eleitor de Hannover, mas pouco trabalhou para ele, e esteve na maior parte do tempo ausente, em Londres. Seu patrão, mais tarde, tornou-se rei da Inglaterra, Jorge I, para quem continuou compondo. Fixou-se definitivamente em Londres e ali desenvolveu a parte mais importante de sua carreira, como autor de óperas, oratórios e música instrumental.

Com exceção da ‘*Water Music*’, o oratório *Messias* é o trabalho de Handel universalmente conhecido. Foi composto numa época em que a fortuna de Handel estava em baixa. Suas últimas tentativas para retornar à ópera com *Imeneo* (1740) e *Deidamia* (1741) revelaram-se um fracasso, e os boatos diziam que ele estaria se preparando para deixar a Inglaterra. Por acaso, o clérigo e escritor Charles Jennens, colaborador de Handel em *Saul*, atraiu Handel de volta à ideia de compor um oratório inglês. Ao mesmo tempo, o compositor recebeu uma oferta de William Cavendish, Lorde Tenente da Irlanda, para tomar parte na temporada seguinte de apresentações de oratórios em Dublin. O libreto oferecido a Handel por Jennens era baseado no nascimento e paixão de Cristo. Ele foi chamado *Messias*. Handel começou a trabalhar no libreto em 22 de agosto de 1741, concluindo a partitura em pouco mais de três semanas mais tarde, no dia 12 de setembro.

Wolfgang Amadeus Mozart

*Nome completo: Johann Chrysostom Wolfgang Amadeus Mozart
(Salzburg, Áustria, 27 de janeiro de 1756 – Viena, Áustria, 5 de dezembro de 1791)*

Mozart sempre aprendeu vorazmente com outros compositores e desenvolveu uma maturidade e brilho característicos em seu estilo, que varia do claro e gracioso ao obscuro e apaixonado – um conjunto moldado por uma visão da humanidade “redimida através da arte, perdoada e reconciliada com a natureza e com o absoluto”. Sua influência na música ocidental é profunda. Ludwig van Beethoven compôs suas primeiras obras seguindo os passos de Mozart. Joseph Haydn escreveu as seguintes palavras sobre Mozart: “a posteridade não verá um talento como esse em 100 anos”.

Der ‘*Hölle Rache kocht in meinem Herzen*’ (A vingança do inferno arde em meu coração), comumente chamada apenas de “Der Hölle Rache”, também referida como Ária da Rainha da Noite, é uma ária integrante da ópera Die Zauberflöte (A Flauta Mágica) de Wolfgang Amadeus Mozart. Considerada uma das mais famosas árias de ópera, faz parte do segundo ato da ópera e representa um acesso de fúria vingativa, em que a Rainha da Noite coloca uma faca na mão de sua filha Pamina e exorta-a a assassinar Sarastro, rival da Rainha.

Ludwig van Beethoven

(Bonn, Renânia do Norte, Alemanha, batizado em 17 de dezembro de 1770 – Viena, Áustria, 26 de março de 1827)

Conviveu com a música clássica desde a infância, pois seu pai era professor de música e tenor na corte de Bonn. Beethoven viveu uma época de transição musical, entre a era clássica e a romântica. Aos 22 anos de idade mudou-se para a cidade de Viena (Áustria), onde construiu sua carreira. É autor de sonatas, quartetos, sinfonias e da ópera *Fidélio*, uma de suas grandes criações. Em suas obras musicais passava um profundo sentimento e incompárável expressão. Nos últimos anos de sua vida, sofreu de surdez. Mesmo com o problema de saúde, continuou criando lindas obras musicais. Faleceu em 26 de março de 1827, enquanto compunha sua 10ª sinfonia. Uma de suas obras mais conhecidas é a **9ª Sinfonia**, que até os dias de hoje é muito executada. Ao lado de Bach e Mozart, Beethoven é considerado um dos grandes compositores de música clássica de todos os tempos.

A **Sinfonia nº 9 em Ré menor**, op. 125, “Coral”, é a última sinfonia completa composta por Ludwig van Beethoven. Completada em 1824, a sinfonia coral, mais conhecida como Nona Sinfonia, é uma

das obras mais conhecidas do repertório ocidental, considerada tanto ícone quanto predecessora da música romântica, e uma das grandes obras-primas de Beethoven. A nona sinfonia de Beethoven incorpora parte do poema *An die Freude* (“À Alegria”), uma ode escrita por Friedrich Schiller, com o texto cantado por solistas e um coro em seu último movimento. Foi o primeiro exemplo de um compositor importante que tenha dado o mesmo destaque à voz humana e aos instrumentos em uma sinfonia, criando assim uma obra de grande alcance, que deu o tom para a forma sinfônica que viria a ser adotada pelos compositores românticos. A sinfonia nº 9 tem um papel cultural de extrema relevância no mundo atual. Em especial, a música do último movimento, chamado informalmente de “Ode à Alegria”, foi rearranjada por Herbert Von Karajan para se tornar o hino da União Europeia. Foi apresentada pela primeira vez em 7 de maio de 1824, no *Kärntnertortheater*, em Viena, na Áustria. O regente foi Michael Umlauf, diretor musical do teatro, e, Beethoven, que foi dissuadido da regência por causa do estágio avançado de sua surdez, teve direito a um lugar especial no palco, junto ao maestro.

Giuseppe Fortunino

Francesco Verdi

(Roncole, Itália, 10 de outubro de 1813 – Milão, Itália, 27 de janeiro de 1901)

Foi um compositor de óperas do período romântico italiano, sendo na época considerado o maior compositor nacionalista da Itália, assim como Richard Wagner era na Alemanha. Foi um dos compositores mais influentes do século XIX. Suas obras são executadas com frequência em casas de ópera em todo o mundo e, transcendendo os limites do gênero, alguns de seus temas já estão há muito enraizados na cultura popular — como “La donna è mobile de Rigoletto”, “Va, pensiero” (O Coro dos Escravos Hebreus) de Nabucco, “Libiamo ne’ lieti calici” (A Canção da Bebida) de La Traviata e a “Grande Marcha” de Aida. Embora sua obra tenha sido algumas vezes criticada por usar, de modo geral, a expressão musical diatônica em vez de uma cromática e com uma tendência ao melodrama, as obras-primas de Verdi dominam o repertório padrão um século e meio depois de suas composições.

Nabucco é uma ópera em quatro atos com música do compositor Giuseppe Verdi e libreto de Temistocle Solera, baseada no Antigo Testamento e na obra Nabuchodonosor de Francis Cornue e Anicète Bourgeois. O libreto de Nabucco chegou às suas mãos quase por uma casualidade. A composição empreendida, quase “puxada a ferros”, deu como resultado uma obra que cativou toda a Itália. Na estreia, o papel de Abigail foi interpretado por Giuseppina Strepponi, que se converteria em companheira sentimental e, logo em seguida, em esposa de Verdi. Esta ópera foi o primeiro êxito importante do compositor e a partir dela ele começou a compor num ritmo bastante frenético, produzindo dezessete óperas em doze anos. O êxito desta ópera, Nabuchodonosor de Verdi, deve-se em parte às qualidades musicais da obra e em parte à associação que o público fazia entre a história do povo israelita e as

ambições nacionalistas da época. Um dos símbolos utilizados para reforçar o ideal de independência foi o coro *Va pensiero*, do terceiro ato. Este coro de escravos hebreus é, sem dúvida, o número mais popular da ópera. Na sua época, os italianos assimilaram-no como um canto contra a opressão estrangeira em que viviam. O êxito da ópera perdurou até os dias de hoje.

Carl Orff

(Munique, Alemanha, 10 de julho de 1895 – Munique, Alemanha, 29 de março de 1982)

Foi um compositor alemão, um dos mais destacados do século XX, famoso, sobretudo, por sua cantata *Carmina Burana*. Contudo, a sua maior contribuição se situa na área da pedagogia musical, com o Método Orff de ensino musical, baseado na percussão e no canto. Orff criou um centro de educação musical para crianças e leigos, em 1925, no qual trabalhou até a data do seu falecimento. Carl Orff se recusava a falar publicamente sobre seu passado. É sabido, entretanto, que nasceu em Munique, oriundo de uma família da alta burguesia bávara, muito ativa na vida militar alemã. Orff estudou na Academia de Música de Munique até 1914. Serviu então às forças armadas durante a Primeira Guerra Mundial. Posteriormente, atuou nas óperas de Mannheim e Darmstadt, retornando depois a Munique, para continuar seus estudos musicais.

Os **Carmina Burana** são textos poéticos contidos em um importante manuscrito do século XIII, o *Codex Latinus Monacensis*, encontrados durante a secularização de 1803, no convento de *Benediktbeuern* - a antiga *Bura Sancti Benedicti*, fundada por volta de 740 por São Bonifácio, nas proximidades de *Bad Tölz*, na Alta Baviera. O Códex compreende 315 composições poéticas, em 112 folhas de pergaminho, decoradas com miniaturas. Atualmente o manuscrito encontra-se na Biblioteca Nacional de Munique.

Hans Florian Zimmer
(Frankfurt, Alemanha, 12 de setembro de 1957)

Compositor alemão, conhecido mundialmente por seus trabalhos com temas de filmes. Nascido em Frankfurt, Zimmer iniciou sua carreira musical tocando teclados e sintetizadores, entre outros instrumentos, com as bandas 'Ultravox' e 'The Buggles' (Video Killed the Radio Star). Nos anos 80, começou a compor e produzir trilhas sonoras para filmes. Seu primeiro grande sucesso veio em 1988 com o tema de Rain Man, pelo qual foi indicado ao Oscar. Desde então, tem composto música para muitos filmes como O Último Samurai, Gladiador, Falcão Negro em Perigo, Hannibal, O Código da Vinci, Pearl Harbor e Missão Impossível 2. Zimmer também compôs parte da trilha sonora da série Piratas do Caribe, trabalho que define muito bem o estilo do compositor. Recentemente, compôs a trilha sonora de *The Dark Knight* junto com James Newton Howard. Também contribuiu nos arranjos do álbum de Tarja Turunen, *My Winter Storm*. Em 2008 ele compôs um filme animação da *DreamWorks*, Kung Fu Panda junto com John Powell. Ainda em 2008, Hans compôs para mais um filme de animação da *DreamWorks Animation*, Madagascar: Escape 2 Africa, junto com William. E em 2009, compôs a trilha sonora de Anjos e Demônios e do jogo *Call of Duty: Modern Warfare 2*, considerado o maior sucesso da indústria de jogos e um dos maiores sucessos da indústria do entretenimento.

Philip Glass
(Baltimore, USA, 31 de janeiro de 1937)

Compositor americano. Está entre os mais influentes do final do século XX. Sua música é normalmente chamada de minimalista, embora ele não aprecie esta expressão. Glass é um compositor muito prolífico, tendo produzido inúmeros trabalhos como óperas, sinfonias, concertos e trilhas sonoras, além da colaboração com outros músicos. Tem dois filhos e atualmente possui residências no estado de Nova Iorque nos Estados Unidos e na província da Nova Escócia no Canadá. Glass alcançou fama internacional com o hino que compôs para os Jogos Olímpicos realizados em 1984, em Los Angeles. É, juntamente com Steve Reich, um dos principais representantes da música “minimal”, que se caracteriza por unir, repetir e fundir, de maneira esquemática, breves sucessões de sons. Depois de sua formatura em Paris, Glass dedicou-se ao estudo de outras culturas musicais.

Vessels vem de uma das melhores partituras de Glass, a trilha sonora do filme *Koyaanisqatsi: Life out of Balance*, que é um documentário americano lançado em 1983, dirigido por Godfrey Reggio. Neste filme são apresentadas cenas com paisagens naturais e urbanas, muitas delas com a velocidade de exibição alterada. Algumas cenas são passadas mais rapidamente e outras mais lentamente do que o normal, criando, com a trilha sonora, uma ideia diferente da passagem do tempo. Vários dos efeitos apresentados se tornaram clichês usados em outros filmes e programas de televisão.

Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba

SONS DO BÁLTICO

28	OUTUBRO	SEX	20h
29	OUTUBRO	SÁB	18h30

Local Capela Santa Maria Espaço Cultural

Solista Contrabaixo **Pablo Güínez** (Chile/Brasil) (pág 59)
Direção Musical **Winston Ramalho** (pág 60)

PROGRAMA

Felix Mendelssohn-Bartholdy (1809-1847) (Alemanha)
Sinfonia nº 13 em Dó Maior para Orquestra de Cordas (1823) 7'30 (*)
Grave - Allegro molto

Vasily Kalinnikov (1866-1901) (Rússia)
Serenata para Cordas (1891) 10' (*)

Lars-Erik Larsson (1908-1986) (Suécia)
Concertino para Contrabaixo e Cordas, Op. 45, nº 11 (1957) 12' (*)
1. Ballad - Moderato 4'32
2. Arioso - Lento 4'15
3. Finale - Allegro vivace 2'53

Erkki-Sven Tüür (1959) (Estônia)
Insula Deserta (1989) 9' (*)

Einojuhani Rautavaara (1928) (Finlândia)
Suíte para Cordas (1953) 12'30 (*)
1. Presto 2'58
2. Andante 6'40
3. Vivace assai (Alla giga) 2'49

(*) Estreia OCCC

Compositores e Obras

Felix Mendelssohn-Bartholdy

(Hamburgo, Alemanha, 3 de fevereiro de 1809
– Lipsia, Alemanha, 4 de novembro de 1847)

Compositor, pianista e maestro alemão do início do período romântico. Algumas de suas obras mais conhecidas são a suíte Sonho de uma Noite de Verão (que inclui a famosa marcha nupcial), dois concertos para piano, o concerto para violino, cerca de cem *lieder*, e os oratórios São Paulo e Elijah, entre outros. Entre 12 e 14 anos de idade (1821-1823), Mendelssohn criou uma série de sinfonias para orquestra de cordas. Doze foram concluídas e iniciou a de nº 13. Esta última sinfonia para cordas é conhecida hoje como a Sinfonia nº 13 de Mendelssohn, mas ele próprio não a chamava assim. Ele reservou o “Nº 13” para outro trabalho – sua primeira sinfonia em grande escala para uma orquestra completa, iniciada em 1824, poucos meses depois de ele ter concluído sua série de sinfonias para cordas. Mendelssohn, no entanto, decidiu que seu “nº 13” obteria mais consideração como o primeiro de uma nova linha de obras e assim a ideia do “nº 13” foi abandonada e criou-se a Sinfonia nº 1 em Dó menor, op. 11. Dessa forma, Mendelssohn compôs duas peças chamadas de “Sinfonia nº 13”, apesar de não existir o carimbo oficial desta nomenclatura.

A **Sinfonia para Orquestra de Cordas nº 13 em Dó menor** é chamada por este nome apenas para assegurar que ela permaneça no lugar onde merece – ao final de uma série de sinfonias para cordas. É também chamada “the *Sinfoniesatz* ou Movimento Sinfônico em Dó menor. Mendelssohn nunca desmentiu oficialmente a peça, mas também não a publicou durante sua vida e, provavelmente, não imaginou que este problema de nomenclatura causaria tanta polêmica após sua morte. Em movimento único, é uma abertura típica do século XVIII, com uma introdução lenta e uma exposição principal rápida.

Vasily Sergejewitsch Kalinnikow

(Woyny, Oblast Orjol, Rússia, 13 de janeiro de 1866 – Jalta, Rússia, 11 de janeiro de 1901)

Kalinnikov era filho de um clérigo, que também ocupou o cargo de chefe de polícia local. O pai tinha uma forte inclinação musical, tocava violão e acordeom, e cantava no coro da Igreja. O jovem Vasily aprendeu o acordeom por conta própria e com a ajuda do médico da vila, acrescentando mais tarde o violino para suas realizações. Ainda juntou-se ao coral da Igreja, onde aprendeu as noções básicas de teoria musical e acabou tornando-se o maestro do coro aos 14 anos. Assim, Kalinnikov decidiu fazer da música a sua carreira. Aos 18 anos e com poucos recursos financeiros, Kalinnikov se mudou para Moscou para estudar música no Conservatório, transferindo-se para a escola de música da Orquestra Filarmônica meio ano mais tarde. Enquanto isso, ele reforçou seus parcos rendimentos através de um curso de fagote, que permitiu com que tocasse em várias orquestras como fagotista, violinista ou timpanista. Ele também tinha um trabalho como copista de música. Após sua graduação, Kalinnikov exerceu vários cargos no magistério e foi assistente de maestro em uma companhia de ópera. No entanto, os efeitos tardios dos esforços por seus múltiplos trabalhos durante seus anos de estudante minaram sua saúde e ele contraiu tuberculose. Por isso o compositor viajou para o sul e encontrou Tchaikovsky em 1892. Ele recebeu vários elogios de Tchaikovsky quando lhe mostrou uma partitura de sua suíte orquestral. Este incentivo foi um grande impulso moral para o jovem compositor em dificuldades, e assim ele começou a trabalhar em sua primeira sinfonia em Dó menor, concluída em 1895.

Lars-Erik Vilner Larsson

(Akarp, Suécia, 15 de maio de 1908 – Helsingborg, Suécia, 27 de dezembro de 1986)

Larsson estudou com Ellberg no Conservatório de Estocolmo (1925-1929) e Alban Berg e Fritz Reuter em Viena e Leipzig (1929-1930), em seguida, trabalhou para a rádio sueca e lecionou no Conservatório de Estocolmo e na Universidade de Uppsala, onde ocupou o cargo de diretor de música (1961-1966). Seu estilo como compositor é eclético, abrange o romântico tardio e o uso de técnicas derivadas do sistema de doze tons de Arnold Schoenberg, com muita originalidade em seu método. Ele foi o primeiro sueco a gravar música serial (1932). Ainda outros trabalhos desse período são pós-Sibelius ou neoclássico, e sua principal característica é a variedade de estilos. Ele escreveu para teatro, cinema e radiodifusão, além das formas mais tradicionais de sinfonias, concertos, câmara e música vocal. Lars-Erik Larsson escreveu a “God in Disguise”, uma suíte lírica não religiosa para orquestra, coro misto e solistas escrita pelo poeta Malmö Hjalmar Gullberg. Ele escreveu uma série de 12 concertinos para instrumentos solo: flauta, oboé, clarinete, fagote, trompa, trompete, trombone, violino, viola, violoncelo, contrabaixo e piano. Imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, Larsson encontrou-se encarregado das orquestras amadoras com apoio do estado da Suécia. Ele es-

tava angustiado por descobrir a pouca quantidade de boa música amadora que estava disponível, mas não retificou a situação até meia década após ter terminado o seu mandato no cargo de governo. Entre 1953 e 1957, Larsson finalizou uma dúzia de concertinos adequados às apresentações pelas orquestras amadoras e seus principais músicos. Escreveu uma obra para cada um dos instrumentos encontrados no quinteto de metais padrão, quinteto de sopros e quarteto de cordas, adicionando ainda o contrabaixo e piano. As peças solo não são inteiramente simples; professores de música e, da mesma forma, músicos competentes muitas vezes eram contratados como solistas nas províncias suecas, pois os solos requerem técnica, embora não virtuosismo. Todos os concertinos seguem o padrão de três movimentos, rápido-lento-rápido, com movimentos finais que por vezes retornam aos temas de abertura da obra. Talvez por causa de sua reputação como música “fácil”, os concertinos não foram recebidos com grande entusiasmo por músicos profissionais fora da Suécia, além de universidades, professores de conservatório e seus alunos desapitados por novos materiais.

O **Concertino para Contrabaixo** é o trabalho mais solene e franco desta coleção.

Erkki-Sven Tüür

(Kärdla, Ilhas de Hiiumaa, Estônia,
16 de outubro de 1959)

É um dos mais notáveis compositores de sua geração. Autodidata em relação à grande parte do conhecimento que adquiriu, estudou percussão e flauta na escola de música de Tallinn, de 1976 a 1980. Mais tarde, de 1980 a 1984, estudou composição com Jaan Rääts na Academia de Música da Estônia e teve aulas particulares com Lepo Sumera. Em 1979, fundou um grupo de rock de câmara “In spe”, que logo se tornou um dos mais populares da Estônia. Tüür trabalhou como compositor, flautista, tecladista e cantor neste grupo. Entre 1989 e 1992, ensinou composição na Academia de Música da Estônia. Com o início da “Perestroika” sua música foi ouvida fora da Estônia pela primeira vez. Seu primeiro grande sucesso na Finlândia (com “Insula deserta”, 1989) rendeu-lhe a encomenda de uma série de trabalhos.

Estilisticamente, *Insula Deserta* é um trabalho de nove minutos muito próximo à música de Arvo Part, embora sem a conotação sagrada. As harmonias simples e os ritmos motores do minimalismo são habilmente combinados com dissonâncias reluzentes, que são utilizados em sua forma mais ornamental, em vez da forma perturbadora. Orquestrada para cordas habilmente, “*Insula Deserta*” tem um tipo de beleza gelada, que mesmo em sua mais densa falta de harmonia, faz apenas cócegas ou no máximo belisca o ouvido, nunca o agredindo. Tüür escreveu “Insula Deserta” para a Orquestra de Câmara Ostrobothnian, da Finlândia, e estreou em 8 de outubro de 1989, em Kookola, Finlândia.

Einojuhani Rautavaara

(Helsinki, Finlândia, 9 de outubro de 1928)

Rautavaara nasceu em Helsinquia, em 1928, e estudou na Academia Sibelius, em Helsinque, com Aarre Merikanto, de 1948 a 1952. Antes lhe foi recomendada uma bolsa de estudos para a Juilliard School, em Nova York. Lá ele teve aulas com Vincent Persichetti e também com Roger Sessions e Aaron Copland, em Tanglewood. Ele chamou a atenção internacionalmente quando venceu o concurso de composição “Thor Johnson”, por sua composição “A Requiem in Our Time”, em 1954. Rautavaara foi professor não titular da Academia Sibelius, entre 1957 e 1959; arquivista de música da Orquestra Filarmônica de Helsinque, de 1959 a 1961; Reitor do Instituto de Música de Käpylä, em Helsinque, entre 1965 e 1966; professor titular na Academia Sibelius, de 1966 a 1976; artista professor (nomeado pelo Conselho de Artes da Finlândia), entre 1971 e 1976; e professor de composição na Academia Sibelius, de 1976 a 1990.

Rautavaara sofreu uma dissecação da aorta, em janeiro de 2004, e gastou quase meio ano em tratamento intensivo, mas desde então se recuperou e conseguiu continuar seu trabalho.

O compositor finlandês Einojuhani Rautavaara escreveu este trabalho excepcionalmente bom quando era aluno da Academia Sibelius na classe do professor Aarre Merikanto. Todos os aspectos deste trabalho mostram uma autoconfiança considerável, ao mesmo tempo em que mantém as aspirações do compositor dentro dos limites práticos. A suíte dura um pouco mais de 12 minutos e é apresentada em três movimentos bem balanceados. Permanecendo ainda no estilo neoclássico, o compositor encontrou uma maneira de conseguir uma extensão expandida de notas e assim evitar a cópia do estilo melódico ou harmônico de Stravinsky, ao mesmo tempo em que rende homenagens ao compositor russo em suas práticas rítmicas.

Coro da Camerata Antiqua de Curitiba

UM RÉQUIEM ALEMÃO

11	NOVEMBRO	SEX	20h
12	NOVEMBRO	SÁB	18h30

Local Capela Santa Maria Espaço Cultural

Solistas

Soprano **Simone Foltran** (Brasil/Alemanha) (pág 60)

Baixo/barítono **Leonardo Pace** (pág 61)

Piano **Clenice Ortiga e Carmen Célio Fregoneze** (pág 61)

Regente **Helma Haller** (pág 62)



Johannes Brahms

PROGRAMA

Johannes Brahms (1833-1897)

Ein Deutsches Requiem (Réquiem Alemão) para Soprano, Barítono, Coro e 2 Pianos, Op. 45 (1865-68) 70' ()*

- 1. Selig sind die da Lied tragen (Coro)
- 2. Denn alles Fleisch es ist wie Gras (Coro)
- 3. Herr, lehre doch mich (Barítono e Coro)
- 4. Wie lieblich sind deine Wohnungen (Coro)
- 5. Ihr habt nun Traurigkeit (Soprano)
- 6. Denn wir haben hier keine bleibende statt (Barítono e Coro)
- 7. Selig sind die Toten (Coro)

(*) Estreia Coro da CAC

O piano Steinway usado neste concerto foi gentilmente cedido pela Pró-Música de Curitiba com objetivo de fomentar a cultura musical da cidade.

Compositore e Obra

Johannes Brahms

(Hamburgo, Alemanha, 7 de maio de 1833 – Viena, Áustria, 3 de abril de 1897)

Músico alemão. Recebe a primeira instrução musical do seu pai, intérprete de violino, violoncelo e trompa. Estuda posteriormente composição com Marxsen e piano (instrumento que chega a dominar brilhantemente) com Cossel. Em 1857 obtém um cargo de pianista e diretor de coro na corte de Detmold. Em 1863 transfere-se para Viena, onde não consegue obter nenhum trabalho com remuneração, instalando-se como intérprete e compositor livre. Em 1868 obtém um êxito clamoroso com o seu Réquiem Alemão, composição soberba e comovente que revela um grande maestro. Mantinha relações amistosas com Joachim H. Von Bülow e, especialmente, com Schumann e a sua mulher, Clara. A influência de Beethoven sobre Brahms é direta e patente, sobretudo nos quartetos de corda e na primeira sinfonia, mas não se pode dizer que a obra de um é a continuação do outro. Melhor dizendo, Brahms representa uma reação pós-romântica que regressa às raízes do Renascimento e do Barroco. Os seus modelos são preferivelmente Bach, Haendel e os polifonistas do século XVI. As composições de Brahms, que aos seus contemporâneos podem parecer reacionárias, apresentam uma surpreendente harmonia entre o classicismo da forma e o *pathos* romântico. No seu trabalho como compositor cabe distinguir três tonalidades diferentes. A primeira é uma vertente intimista, particularmente transparente na música para piano e nos *lieder*. A segunda tonalidade é o popular, presente também em certos *lieder*, nas danças húngaras, nos scherzos das sinfonias, etc. E a terceira é o regresso à tradição luterana que se aprecia no Réquiem Alemão, nas obras para coro e orquestra e outras. Em linhas gerais, a música de Brahms caracteriza-se pelo seu caráter melancólico, pela tensão concentrada, pela aspereza e obscuridade do colorido, pelos ritmos sincopados e pela extraordinária riqueza temática. Nas suas obras para orquestra há uma mistura perturbadora de tensão contida e de paixão exaltante, de severidade clássica e de fugazes momentos de fervor lírico. Todos estes elementos

ficam enquadrados por um sentido da forma que nem sempre se percebe nas primeiras audições. Brahms cultivava, com exceção da ópera, absolutamente todos os gêneros musicais. O maravilhoso Réquiem Alemão (*Ein Deutsches Requiem*), opus 45, de **Johannes Brahms** (1833-1897), se distingue dos réquiens tradicionais, compostos na forma das já extintas missas de mortos, justamente por não seguir a liturgia de tais missas. Ao contrário, o Réquiem Alemão se utiliza de trechos do Antigo e do Novo Testamentos, segundo a tradução luterana para o alemão, sem qualquer preocupação litúrgica.

Composto entre 1865 e 1868, o Réquiem teve sua estreia na Sexta-Feira Santa, 12 de abril de 1868, sob a regência do próprio compositor, na Catedral de Bremen. Nessa ocasião, contudo, o quinto movimento ainda não havia sido composto. Esse movimento, para soprano e coro, é um tributo do compositor à memória de sua mãe, morta em 1865. Originalmente para orquestra, coro, soprano e barítono, o Réquiem possui sete movimentos e duração aproximada de 75 minutos – o que faz dele a maior composição de Brahms. Patrick Tuck, em sua dissertação sob Brahms observa que os três movimentos do Réquiem que se iniciam em tonalidade menor, a saber: segundo, terceiro e sexto, sofrem uma mudança para a tonalidade maior correspondente, justamente quando a letra, que falava da mortalidade, passa a falar da salvação eterna, que só pode ser alcançada com a morte e ressurreição. Já os outros quatro movimentos (primeiro, quarto, quinto e sétimo) começam e terminam em tonalidade maior.

1. Primeiro Movimento – Coro

O primeiro movimento inicia sombrio. Merece atenção a entrada do coro: “Selig sind”, três notas em dois intervalos ascendentes. Essa célula de três notas se repete em outras partes da obra, dando um indício de unidade. Os dois intervalos ascendentes dão a sensação de ascensão no momento em que se fala “Bem-aventurados”. Já no início da próxima

estrofe do coro, fala-se “Os que com lágrimas se-mei-am” e os dois intervalos anteriores aparecem em ordem inversa, isto é, descendente, em “mit Tränen”, como lágrimas caindo sobre as sementes. Deve-se observar, ainda, que todas as vezes que o texto é “werden mit Freuden” (“com alegria colherão”), há um crescendo, de modo que a palavra Freuden (alegria) é acentuada. Porém, em nenhum momento, o tom sombrio do movimento é abandonado.

2. Segundo Movimento – Coro

O segundo movimento começa pesado, com um tempo bem marcado e a predominância dos naipes masculinos no coro. Esse clima marca toda a primeira estrofe, que transmite as duras advertências de Pedro. Já na segunda estrofe, as palavras doces e consoladoras de Tiago são entoadas com uma melodia leve e doce, em que prevalecem os naipes femininos. Em seguida, repete-se a primeira estrofe, retornando o clima inicial, de advertência. Esse clima dura até a última frase de Pedro: “*Aber des Herrn Wort bleibt in Ewigkeit*”, ou seja, “Mas a Palavra do Senhor perdura eternamente”. Neste ponto, ocorre a mudança de tonalidade de menor para maior. Essa mudança de tonalidade é seguida por um forte, enquanto se faz a promessa “*Die Erlöseten des Herrn*” (“Os resgatados do Senhor voltarão e virão a Sião com júbilo”). O movimento termina, portanto, com um clima bem diferente do início sombrio.

3. Terceiro Movimento – Barítono e coro

O terceiro movimento se inicia com o solo do barítono entoando uma prece que é, em seguida, reforçada pela repetição do coro. Esse mecanismo se repete algumas vezes durante toda a primeira parte deste movimento. O clima de súplica marca o início do terceiro movimento e se mistura a um clima de reflexão. A mudança de caráter do movimento coincide com a mudança da tonalidade menor para a maior, que se dá quando o coro canta “*Ich hoffe auf dich*”, ou seja, “Eu espero em Ti”. O clima de súplica/reflexão dá lugar a um de júbilo e esperança, com o coro executando uma fuga, enquanto canta a promessa “*Der Gerechten Seelen sind in Gottes Hand, und keine Qual rühret se an*” (“As almas dos justos estão nas mãos de Deus e nenhum padecimento lhes afeta”). Assim termina também este

movimento, de forma bem diferente da que apresentava em seu início.

4. Quarto Movimento – Coro

O quarto movimento é bem mais leve e delicado do que os precedentes. Como que querendo demonstrar os suspiros da alma na Casa do Senhor, a única alteração ocorre com a presença de uma fuga, no final, para ilustrar o louvor eterno: “*die loben dich immerdar*”.

5. Quinto Movimento – Soprano e coro

Conforme já foi observado anteriormente, o quinto movimento é uma clara homenagem à mãe de Brahms. A doce melodia cantada pela soprano, bem como a letra da melodia, traz à mente a figura da mãe. O movimento termina com várias repetições da promessa da mãe: *voltarei a ver-vos* (“*wieder sehen*”).

6. Sexto Movimento – Barítono e coro

Ao contrário do terceiro movimento, quem inicia o sexto é o coro, e não o barítono. Este só entra no momento de revelar o segredo “*Sieh, ich sage euch ein Geheimnis*” (Eis, eu vos revelarei um segredo). Neste movimento está presente a última batalha entre vida e morte e é anunciada a vitória da vida. A mudança de Dó menor para Dó maior ocorre enquanto se canta “*Herr, du bist würdig zu nehmen Pries und Ehre und Kraft*” (“Senhor, Tu és digno de receber a glória, a honra e o poder”). Com este mesmo texto, é feita uma fuga, celebrando a glória de Deus. Evidentemente, já que se trata de um movimento que se iniciou em tom menor e terminou em maior, há uma nítida mudança de clima. O início sóbrio deu lugar à celebração do final.

7. Sétimo Movimento – Coro

No sétimo movimento, prevalece o *piano*. Delicado, lembra o descanso dos mortos com suas boas obras. Neste movimento reaparece a bem-aventurança (*Selig*), retomando o tema do primeiro movimento, porém, aqui, os bem-aventurados são os que morreram no Senhor, não mais os que sofrem aflições. Aqui, as aflições já deram lugar ao consolo e ao descanso eternos. O Réquiem termina justamente com a palavra com a qual se iniciou: Bem-aventurados, *Selig*!

Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba

MÚSICA LATINO-AMERICANA

2	DEZEMBRO	SEX	20h
3	DEZEMBRO	SÁB	18h30

Local Igreja Bom Jesus

Capela Santa Maria Espaço Cultural

Solista Violoncelo **Raïff Dantas Barreto** (pág 62)

Regente **Victor Hugo Toro** (Chile/Brasil) (pág 62)

PROGRAMA

Carlos Zamora (Chile) (1968)

Tres Visiones de un Sikuris Atacameño 8' (*)

Liduino Pitombeira (Brasil) (1962)

Concerto para Violoncelo e Orquestra, Op. 53 (2000) 15'

1. Porto Alegre
2. João Pessoa
3. Buenos Aires

Aldemaro Romero (Venezuela) (1928-2007)

Fuga con Pajarillo (1975) 8' (*)

Alberto Ginastera (Argentina) (1916-1983)

Concerto para Cordas, Op.33 (1965) 24' (*)

1. Variações para os solistas
2. Scherzo fantástico: Presto
3. Adagio angoscioso
4. Finale furioso

(*) Estreia OCCC

Carlos Zamora

(Calama, Chile, maio de 1968)

Em 1985 mudou-se para a cidade de Concepción para estudos musicais na Faculdade de Educação, Humanidades e Artes da Universidade de *Concepción*. No ano de 1990 recebeu o título de Professor de Música e Licenciatura em Educação Musical. Em 1993 ingressa na carreira de Licenciatura em composição na Universidade do Chile, carreira que abandona em 1995. Em abril de 2000 é concedido o grau de Mestre em Artes na disciplina de composição pela Escola de Pós-graduação da Faculdade de Artes da Universidade do Chile. Estudou Regência Orquestral com Wilfried Junge e William Scarabino, Direção de Música Contemporânea com Aliocha Solovera, Regência Coral com Mario Cánovas e Composição com Miguel Aguilar, Gustavo Becerra e Eduardo Cáceres. Além de assistir a vários seminários e congressos em todo o Chile. Em 1998, 1999 e 2000, participou dos Campos de *Composición* INJUVE na Espanha, onde frequentou cursos de Cristobal Halffter e Mauricio Sotelo. Desde 1987 tem desenvolvido um trabalho ininterrupto como compositor, abrangendo os gêneros de câmara, sinfônico, sinfônico coral e ópera.

Segundo explica o próprio compositor, originalmente a obra ***Tres Visiones de un Sikuris Atacameño*** era chamada apenas *Sikuris* e consiste de uma melodia executada por um grupo de flautas de *pan* ou *sikus*. Um *sikuri* é uma dança folclórica e o Atacama é uma região do deserto próximo aos Andes. Foi compilada em San Pedro de Atacama e orquestrada para ser acompanhada de três maneiras diferentes. Originalmente concebida para Orquestra Sinfônica, foi escrita em homenagem aos compositores mexicanos Carlos Chávez e Silvestre Revueltas. A primeira parte, escrita em compassos alternados binários e ternários, é de caráter forte e ritmo agressivo. A segunda é a mesma melodia do *sikuris*, mas desta vez acompanhada por melodias bem mais calmas e de um inevitável caráter tonal. A terceira e última parte é alegre e vem acompanhada de sonoridades que se assemelham à música típica de bandas de metais do norte do Chile", diz Carlos Zamora. ***Tres Visiones de un Sikuris*** foi estreada em outubro de 1999 pela Orquestra Sinfônica do Chile e recebeu o primeiro prêmio na III Audição de Novas Obras de Compositores Chilenos, organizada pela mesma orquestra. Desde o seu lançamento foi incorporada aos repertórios de importantes orquestras nacionais e internacionais da América Latina, Estados Unidos e Europa.

Liduino Pitombeira

(Russas, Ceará, 1962)

A música de Liduino Pitombeira tem sido executada pelo Quinteto de Sopros da Filarmônica de Berlim, Louisiana Sinfonietta, Red Stick Saxophone Quartet, New York University New Music Trio, Orquestra Sinfônica do Recife (Brasil), Syntagma, Poznan Philharmonic Orchestra (Poland), Orquestra de Câmara Eleazar de Carvalho e Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. Ele tem recebido diversas premiações em concursos de composição no Brasil e nos Estados Unidos, incluindo o 1º prêmio no Concurso Camargo Guarnieri de 1998 e o 1º prêmio no concurso “Sinfonia dos 500 Anos”. Recebeu também o prêmio 2003 MTNA - *Shepherd Distinguished Composer of the Year Award* por seu trio com piano “*Brazilian Landscapes nº1*”. Recentemente, mais duas obras de sua série *Brazilian Landscapes* (nº2 e nº6) foram premiadas nos Estados Unidos. Pitombeira recebeu o título de PhD em composição pela Louisiana State University (EUA), onde estudou com Dinos Constantinides. Suas peças são publicadas pela Peters, Bella Musica, Filarmônica LLC, Cantus Quercus, Connors, Alry, RioArte e Irmãos Vitale.

O compositor fala sobre o **Concerto para Violoncelo**: “Esta peça é dedicada ao virtuoso violoncelista Dennis Parker. Ela retrata, na minha opinião, a atmosfera de três lugares na América do Sul. O primeiro movimento, *Porto Alegre*, que é uma cidade onde Parker viveu e trabalhou, é uma insinuação *quasi-Poulencian* durante a peça toda. O segundo, um movimento lento, retrata a minha primeira impressão da tradicional cidade de João Pessoa quando cheguei lá para estudar composição, em 1991. O último movimento, *Buenos Aires*, é inspirado na música de Astor Piazzolla”.

Aldemaro Romero

(Valencia, Estado de Carabobo, Venezuela, 12 de março de 1928 – Caracas, Venezuela, 15 de setembro de 2007)

Foi pianista, compositor, arranjador e regente de orquestra. Romero foi um compositor prolífico, criando uma grande variedade de música, como o Caribe, Jazz, valsas venezuelanas, incluindo obras para orquestra, orquestra e solista, orquestra e coro, música de câmara e até obras sinfônicas de grandes dimensões. Iniciou seus estudos musicais com seu pai, Rafael Romero. Em 1941 ele mudou-se para Caracas e trabalhou como pianista em bares noturnos e orquestras de dança. Em 1949 ele visitou Cuba e, em seguida, foi para Nova York. Em 1952, voltou para Caracas e criou sua própria orquestra de dança. Em 1951, Romero assinou contrato com a RCA Victor para gravar com uma orquestra completa, o que viria a ser um álbum muito bem sucedido na série “*Dinner in...*”, com música popular da América Latina. Sob o selo RCA publicou seu *LP Dinner* em Caracas, com o qual bateu todos os recordes de vendas na América do Sul, até então atingidos. Depois, gravou inúmeros álbuns LP em diferentes países. Na América, sua habilidade como arranjador e maestro levou-o a participar de orquestras populares e trabalhar com cantores como Dean Martin, Jerry Lee Lewis, Stan Kenton, Machito e Tito Puente, entre outros. Ele também viajou extensivamente, realizando concertos em inúmeros países: México, Porto Rico, Colômbia, Peru, Brasil, Argentina, Espanha, França, Grécia, Suíça, Suécia, Itália, Rússia, Egito e Japão. Romero foi o criador de uma nova forma de música venezuelana, conhecida como “new wave” (onda nueva), derivada do Joropo e influenciada pela Bossa Nova brasileira. Em 1979 Romero fundou a Orquestra Filarmônica de Caracas, da qual foi o primeiro maestro. Ele também regeu a Orquestra Sinfônica de Londres, a *English Chamber Orchestra*, a Orquestra da Rádio e TV Romana e a *Royal Philharmonic Orchestra*.

A **Fuga con pajarillo** de Aldemaro Romero baseia-se em uma melodia nacional da Venezuela chamado *pajarillo* – que tem uma influência forte do fan-

dango espanhol. A Fuga é o primeiro movimento da obra “Suite para Cuerdas”. Esta Suíte foi composta em Londres (1976) inspirada pela obra do músico venezuelano Juan Bautista Plaza, a quem foi dedicada, e que foi quem primeiro consolidou fugas acadêmicas com a música de Joropo. Uma prática que também já tinha sido iniciada na Espanha, no século XVI, pelo compositor italiano Domenico Scarlatti, com suas variações contrapontísticas. A **Fuga con Pajarillo** é uma das obras do repertório acadêmico venezuelano mais difíceis de se tocar, pois ela requer muitos ensaios para fazer com que a orquestra alcance a sonoridade adequada. Aldemaro não pretendeu que esta obra fosse a expressão intelectual ou fantasiosa do ritmo folclórico original, mas que um elemento complementasse o outro, sem desvirtuá-lo. O que Aldemaro faz é dar ao pajarillo uma das variações que existem no *Joropo*: um ar de fandango, escrito em 6/8, típico de regiões venezuelanas e explorá-lo.

Alberto Evaristo Ginastera

(Buenos Aires, Argentina, 11 de abril de 1916 – Genebra, Suíça, 25 de junho de 1983)

Compositor erudito argentino. Nasceu em Buenos Aires e estudou no conservatório desta cidade, até graduar-se em 1938. Depois de visitar os Estados Unidos, entre os anos de 1945 e 1947, onde estudou com Aaron Copland em Tanglewood, volta a sua cidade natal e, com outros compositores, funda a Liga de Compositores da Argentina. Atua como professor, muda-se para os Estados Unidos em 1968 e para a Europa em 1970. Falece em Genebra, em 1983. Sua obra inclui as óperas Don Rodrigo, Bomarzo e Beatriz Cenci, dois concertos para piano, dois concertos para violoncelo, um concerto para violino e um para harpa, outras peças orquestrais, música de balé (Panambí, entre outras), música de câmara e um grande número de obras para piano. Ginastera dividiu sua música em três períodos: o do “nacionalismo objetivo”, o do “nacionalismo subjetivo” e do “neoexpressionismo”.

Para atender a uma encomenda do Instituto Nacional de Cultura e Artes da Venezuela, para um trabalho a ser estreado por Eugene Ormandy e a Orquestra de Filadélfia, em um festival em Caracas, em 1966, Ginastera simplesmente expandiu seu Quarteto de cordas nº 2 de 1958. Ele cortou o primeiro dos cinco movimentos do quarteto, misturou totalmente os outros, reforçou a instrumentação e, para certos lugares, compôs algumas passagens adicionais. O quarteto tinha sido o primeiro trabalho inteiramente *serial* de Ginastera, mas seus ritmos poderosos e contornos melódicos vinculam estreitamente a obra à dança e música folclóricas argentina. Isso é mais evidente ainda na versão original para os quatro instrumentos. Na versão estendida para orquestra de cordas este caráter parece um pouco mais distante e abstrato.

Camerata Antiqua de Curitiba

MAGNÍFICAS

16 DEZEMBRO SEX 20h
17 e 18 DEZEMBRO SÁB E DOM 18h30

Local Capela Santa Maria Espaço Cultural

Solistas

Soprano **Natália Áurea** (pág 63)

Regente **Wagner Polistchuk** (pág 55)

Órgão, piano e cravo **Clenice Ortigara** (pág 61)

PROGRAMA

Dimitri Cervo (1968)

Renova-te, Bachiana Brasileira para Coro e Orquestra de Cordas, sobre texto de Cecília Meireles, Op. 9 (1995-rev.2010) 9'

Liduino Pitombeira (1962)

Acordes Poéticos com textos de Júlia da Costa (2010-11) (obra encomendada) 10' ()*

Stanislav Prokudin (1970)

2 Intermezzos para Orquestra de Cordas (2010) 6' ()*

Gerald Finzi (1901-1956)

Magnificat para coro e órgão, Op. 36 (1952) 10' ()*

Stuart McIntosh (1949)

'The Life of a Woman' (A Vida de uma Mulher) (2009) 25' ()*

Soprano **Natália Áurea**, Violoncelo **Faisal Hussein**

Marco Frisina (1954)

Magnificat (2000) 5' () (arr. Davi Sartori)*

Soprano **Natália Áurea**

(*) Estreia CAC

Dimitri Cervo

(Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, 1968)

Compositor e pianista, aos 14 anos apresentava suas primeiras composições em público. Sua discografia inclui um CD individual, Toronubá, pelo qual recebeu dois Prêmios Açorianos 2006 (melhor CD e melhor compositor erudito), além de obras gravadas em diversos CDs de outros grupos e artistas. Começou a destacar-se nacionalmente em 1995, quando sua obra "Abertura e Toccata" recebeu o 1º prêmio no Concurso de Obras Orquestrais do XV Festival de Londrina, tendo sido executada por cinco orquestras brasileiras. Realizou seus principais estudos musicais de piano, composição e regência nas cidades de Porto Alegre, Siena, Salvador e Seattle. Em 2006, foi o compositor homenageado do 13º Concurso de Piano do Conservatório de Ituiutaba (MG) e realizou o concerto de lançamento de seu CD Toronubá. Em 2007, suas obras "Brasil 2000" e "Canauê" receberam estreias europeias, em Paris e Aveiro. Em 2008 estreou ao piano "Uguabê" com a Orquestra de Câmara da ULBRA, "Canauê" foi apresentada pela Orquestra Sinfônica de Sergipe, e "Aiamguabê" pela Camerata Florianópolis. Em 2009, recebeu a Bolsa Funarte de Estímulo à Criação Artística para o desenvolvimento das primeiras obras da Série Brasil 2010. No StudioClio, regeu a estreia das duas primeiras obras da Série Brasil 2010, uma nova série que contempla obras para instrumentos solistas e orquestra de cordas. Atualmente atua como professor do Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS.

Renova-te foi inspirada pela força poética do Cântico XIII de Cecília Meireles, tendo sido composta para coro a cappella, em uma luminosa semana de 1995. Em 2010, motivado pelo excelente efetivo da Camerata Antiqua, a obra foi recriada para coro e orquestra de cordas. Essa versão possui uma seção inicial inteiramente nova, na qual se destaca um violino solo, que alude às principais ideias musicais da obra. Calçado na intertextualidade, o processo composicional dialoga com o barroco, sendo os procedimentos contrapontísticos e harmônicos colocados a serviço da expressividade máxima do texto.

Liduino Pitombeira

Ver pág. 47

A ideia inicial de **Acordes Poéticos** surgiu a partir de uma técnica composicional renascentista denominada *soggetto cavato*, na qual se faz uma associação entre letras e notas musicais. Assim, o nome da poetisa Júlia da Costa (1844-1911) gerou o motivo inicial de onde derivaram os gestos da obra. Posteriormente este elemento foi transformado em um total cromático, ampliando as possibilidades sonoras. A obra foi encomendada pela Camerata Antiqua de Curitiba.

Stanislav Prokudin

(Bobruisk, Bielorrússia, 18 de agosto de 1970)

Atualmente Stanislav reside em Moscou. Começou seu estudos de música na cidade de Klin (região de Moscou). Depois de formado no Colégio de Música Gnessins em Moscou (na classe de Andrey Golovín) em 1989, entrou na Academia Russa de Música Gnessins, onde se tornou o principal aluno do renomado compositor russo Boris Tchaikovsky (que havia acabado de iniciar a ensinar na Academia naquele mesmo ano). Boris Tchaikovsky observou que o seu estudante Prokudin tinha um talento natural imaginar o material musical de suas futuras composições. Os movimentos vivos e imprevisíveis das melodias, que ora improvisa e ora congela dentro da repetição de uma melodia brilhante, a originalidade das harmonias, a transparência da textura são todas características dos trabalhos de Prokudin.

Em 2009 o compositor Stanislav Prokudin esteve em Curitiba por ocasião da apresentação de sua obra *Suite Brasileira*, comissionada pela Camerata Antiqua de Curitiba e cantada em russo. O compositor e sua esposa ficaram tão impressionados com a cidade de Curitiba, seu povo, seus lugares, com a Capela Santa Maria, seus músicos e sua música. Tudo isso lhe deu nova inspiração para compor em homenagem ao grupo estes dois **Intermezzos para Orquestra de Cordas**.

Gerald Finzi

(Londres, Inglaterra, 14 de julho de 1901

– Londres, Inglaterra, 27 de setembro de 1956)

Finzi passou a sua infância em Londres. Seu pai morreu quando ele tinha somente sete anos, e depois do começo da guerra Finzi mudou-se com sua mãe para Harrogate, em Yorkshire. Lá, ele teve a oportunidade de estudar com o compositor Ernest Farrar (até a sua partida para a Guerra), e desde 1917 com Edward Bairstow na York Minster. Em 1951 Finzi soube que sofria da Doença de Hodgkin, uma forma da leucemia, e lhe foi dado entre cinco e dez anos de vida. A descoberta da doença de modo nenhum diminuiu as suas atividades, principalmente no que se referia a outros compositores. Ele tinha patrocinado Ivor Gurney nos anos 1930 e esses esforços continuaram; ele também trabalhava na música de Hubert Parry e editava as aberturas de William Boyce pela *Musica Britannica*. Um concerto apenas com obras de Finzi, no Royal Festival Hall, em 1954, representou o reconhecimento de sua importância na vida musical britânica, e uma encomenda de Sir John Barbirolli para o Festival Cheltenham de 1955 nos trouxe o Concerto para Violoncelo, o trabalho mais ambicioso e puramente instrumental de Finzi. Ele finalmente perdeu a luta contra a doença no dia 27 de setembro de 1956.

Embora Finzi fosse agnóstico, ele aceitou uma encomenda para compor uma obra com o texto do ***Magnificat*** para um coro de uma faculdade americana. O trabalho abre com chamadas de metais para anunciar o Senhor e as alterações de clima seguem exatamente o texto proposto, moderado no “*and holy is his name*” e exclamativo em “*He hath put down the mighty from their seat*”. Fanfarras celebram em “*as he promised to our forefathers*”, mas depois de uma pausa, o coro traz a obra para uma tranquila conclusão no “Amen” final.

Stuart McIntosh

(Liverpool, Inglaterra, 1949)

Depois de um início de carreira como flautista profissional, estabeleceu-se como professor de ensino musical. Sua carreira como docente levou-o através de toda Inglaterra, para Singapura por cinco anos e, em 1995, para St. Louis, Missouri. Em St. Louis, ele foi diretor de coros da Escola John Burroughs; Diretor de Coro na Igreja Episcopal da Comunhão Sagrada (Cidade Universitária) e Assistente de Direção do Coro de Câmara de St. Louis. Ele retornou à Inglaterra em 2000. Desde cedo, McIntosh compunha e arranjava música para orquestras, coros e bandas. Enquanto ainda estava na faculdade, suas primeiras obras para coro e orquestra *Shades of Night* e *Magnificat* foram apresentadas na Universidade de Londres – Goldsmiths' College, na Inglaterra. McIntosh continuou a compor e preparar arranjos durante toda a sua longa carreira, apesar de os últimos anos terem sido os mais prolíficos. Ele compôs cerca de 70 peças nesse curto espaço de tempo, que incluem hinos litúrgicos (vários trabalhos encomendados), canções para escola e encomendas do Coro de Câmara de St. Louis.

Marco Frisina

(Roma, Itália, 16 de dezembro de 1954)

Recebeu seu diploma em composição no Conservatório Santa Cecilia em 1979 e formou-se em literatura pela Universidade “*La Sapienza*” de Roma em 1983. Entrou para o seminário em 1978, fazendo seus estudos teológicos na Pontifícia Universidade Gregoriana e após sua ordenação em 1982, se especializou na Sagrada Escritura no Pontifício Instituto Bíblico. A partir de 1985 foi maestro diretor da *Cappella Musicale Lateranense*. Em 1984 decide constituir um coro para a animação litúrgica. Em 1991 foi nomeado diretor do escritório litúrgico do *Vicariato* de Roma e no mesmo ano foi Reitor da Basílica de Santa Maria em Montesanto, em Roma, onde é realizada todos os domingos a Missa dos Artistas. Em 1991, começou sua colaboração com o projeto internacional “*Bíblia*” da Rádio e Televisão Italiana, tanto como consultor bíblico como compositor de música. Obteve duas indicações para o prêmio *Cable Ace* nos Estados Unidos em 1994 por “*Abraham*” e “*Jacob*” e é o vencedor desse mesmo prêmio em 1995 por “*Joseph*”. Compôs e executou 20 oratórios para o Pontífice João Paulo II, feitos especialmente para ele. Ele tem inúmeras composições sinfônicas e de câmara e participou de vários festivais de música com sua orquestra e seus dois coros. Foi também diretor musical de grandes eventos comemorativos como o Grande Jubileu do ano 2000, o Congresso Eucarístico Internacional, Dia Mundial da juventude e o Jubileu da Família. Em 1998 recebeu o prêmio “*Colonna sonora*” (trilha sonora) (1998) pela música de seu espetáculo televisivo Bíblia.

Curriculos

SOLISTAS E REGENTES 2º SEMESTRE DE 2011

Andréa CAMPOS

Violino (Pará – São Paulo)

Nascida em Santarém, Pará, Andréa Campos iniciou seus estudos de violino na Escola de Música de Brasília, aos 10 anos de idade. Concluiu o ensino médio nos Estados Unidos, na Interlochen Arts Academy (1987). Bacharelou-se pela Western Michigan University (1991) e obteve o grau de Mestre pela Eastman School of Music (1993). Em 1997 recebeu o Artist Diploma da Carnegie Mellon University, sob a orientação de Andrés Cardenes, sendo a primeira candidata aprovada para cursar esse programa, em que utilizou, durante dois anos, o violino Stradivarius do acervo da instituição. Coleciona variadas premiações como a de melhor intérprete de música Brasileira (Piracicaba, São Paulo), de vencedora dos concursos Julius Stulburg Scholarship Chair, Kalamazoo Symphony Honor String Quartet e Concerto Competition, realizados pela Western Michigan University. Gravou em 1997 seu primeiro CD, denominado “Andréa in Concert” e foi membro da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – OSESP. Atualmente é chefe do naipe de segundos violinos da “Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal de São Paulo”, integrante do Quarteto “Vienarte” e Trio “D’Amore”. Leciona violino na EMESP.



Priscila VARGAS

Violino (Brasil – Suíça)

Priscila Vargas nasceu em Curitiba, onde iniciou seus estudos de violino com a professora Moema C. Meyer. Em 2001, passou a ter aulas com o professor Paulo Bosisio (Rio de Janeiro). Formou-se aos 20 anos no curso superior de violino pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), na classe do professor Marco Damm. Atualmente cursa o mestrado em performance musical/violino



pela Hochschule für Musik Basel (Basileia, Suíça), na classe de Thomas Furi. Dentre suas premiações nacionais, destaca-se o primeiro lugar, em 2003 e 2007, no Concurso Nacional de Cordas Paulo Bosisio (Juiz de Fora/MG). Foi premiada também no concurso para jovens solistas da Orquestra Sinfônica da Bahia (Salvador - 2003) e foi finalista/semifinalista em concursos como o OSB Nelson Freire (Rio de Janeiro - 2005), concurso para solistas da Orquestra Petrobrás Pró-Música (Rio de Janeiro - 2005) e o 1º Concurso de Violino da Faculdade Cantareira (São Paulo - 2008). Foi concertino/spalla na Orquestra Sinfônica do Paraná de 2004 a 2009, e, de junho a agosto de 2009, foi spalla e ensaiadora da Camerata Antiqua de Curitiba. Atualmente integra a Orchestre Symphonique du Jura (Délémont, Suíça).

Davi SARTORI

Cravo (São Paulo – Paraná)

Pianista, arranjador e compositor, Davi Sartori é um músico que transita por áreas e gêneros musicais diversificados. Frequentou o Curso Superior de Instrumento da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, na classe da professora Olga Kiün. Desde então tem frequentado assiduamente as Oficinas de Música de Curitiba, recebendo orientação de importantes professores. Interessado em outros gêneros musicais, especialmente arranjo e composição, estudou durante três anos Harmonia e Análise Musical com o Maestro Osvaldo Colarusso, além de integrar o curso de Música para Cinema, ministrado pelo italiano Giovanni Luisi. Formou-se na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, em 2003, com o título de Bacharel em Piano. Posteriormente, ingressou na “Orquestra À Base de Sopros” do Conservatório de Música Popular Brasileira de Curitiba. Atualmente, dedica-se ao projeto “Variedades Contemporâneas” com os músicos Gabriel Schwartz, Gabriel Grossi, Julião Boêmio e Graciliano Zambonim, e ao Projeto de CD autoral, do qual assina a direção musical, parte das composições, arranjos, além de atuar como pianista.



Danielle LISBOA

Regente (Brasil – Canadá)

A maestrina carioca Danielle Lisboa é regente titular da Orchestra Toronto no Canadá, onde vem desenvolvendo uma sólida reputação no cenário musical. Danielle é doutora em música, regência de orquestra, pela Eastman School of Music. Atuou como regente da Brockport Symphony Orchestra no Estado de Nova York. Paralela à regência, Danielle mantém uma extensa atividade como palestrante em cursos e seminários de apreciação musical, com o intuito de difundir a música clássica e torná-la acessível a todos. Mantém-se também atuante na promoção e difusão da música erudita brasileira no exterior. Danielle Lisboa realizou seu mestrado em Regência de Orquestra e Ópera na Moores School of Music University of Houston, Texas. Foi premiada em inúmeros concursos nacionais e internacionais, com destaque para o Concurso Internacional Fundação Oriente para Jovens Regentes de Orquestra em Lisboa, Portugal e Schissler Conducting Prize. Danielle foi distinguida com a prestigiosa bolsa CAPES/Fulbright. Danielle iniciou sua carreira como pianista e obteve o bacharelado em regência de orquestra pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação de Ernani Aguiar e Roberto Duarte.



Adélia ISSA

Soprano (São Paulo)



Uma das mais importantes cantoras líricas brasileiras. Iniciou seus estudos de canto com Herminia Russo, em São Paulo, prosseguindo-os na Manhattan School of Music, em Nova York. Participou de cursos de aperfeiçoamento operístico com Nico Castel, na Metropolitan Opera de Nova York e, em música de câmara, trabalhou sob a orientação do renomado pianista Dalton Baldwin. Dentre suas atuações mais importantes destacam-

se as óperas Un Ballo in Maschera, de Verdi, ao lado do tenor Carlo Bergonzi e Carmen, de Bizet, com Plácido Domingo. Vem desenvolvendo um extenso repertório como intérprete de música de câmara brasileira e internacional, com acompanhamento de piano, violão, e conjuntos instrumentais com diversas formações. Foi solista em primeiras audições mundiais de obras de Camargo Guarnieri, Francisco Mignone, Paulo Costa Lima, no Réquiem de Cláudio Santoro, com regência do compositor, e também na primeira audição brasileira de Strophén, do polonês K. Penderecki, com regência de Fábio Mechetti. Adélia Issa gravou em LP as Modinhas Imperiais – recolhidas por Mário de Andrade – para o selo Eldorado, e participou da gravação dos CDs Remeiros do São Francisco, com obras de Ernst Widmer (Paulus), e Missa, interpretando obras do barroco mineiro, com regência de Naomi Munakata.

Wagner POLISTCHUK

Regente (São Paulo)

Atualmente Diretor Artístico da Camerata Antiqua de Curitiba, Wagner Polistchuk foi Regente Adjunto da Orquestra Sinfônica de Santo André nos anos de 2007 e 2008 e também Diretor Artístico e Regente Titular da Sinfônica da Universidade Estadual de Londrina em 2003 e 2004. Tem se apresentado à frente de importantes orquestras brasileiras como a OSESP, a Amazonas Filarmônica, as sinfônicas do Theatro Municipal de São Paulo, da USP, da Bahia, do Teatro Nacional de Brasília e de São Bernardo do Campo; também no exterior, como a Sinfônica de Mendoza, na Argentina, a Sinfônica Nacional de Lima, no Peru, e a Hermitage Orchester, na Suíça. Desde 1985 ocupa a posição de trombone solo da OSESP. Em 1990, especializou-se como solista na Alemanha com Branimir Slokar, um dos mais conceituados professores de trombone da atualidade. No Brasil, paralelamente às atividades como trombonista, iniciou estudos de regência, tendo como primeiro professor o Maestro Eleazar de Carvalho. Outros maestros contribuíram para a sua formação, como Dante Anzolini, Ronald



Zollmann, Andreas Spörri, Roberto Tibiriçá e Kurt Masur. Destacou-se em diversos concursos como o Internacional de Trombones Giovani Concertisti, em Porcia, Itália (1997), o V Concurso Latino-americano de Regência Orquestral (1998) – obtendo o segundo lugar, o Concurso Internacional de Regência Prix Credit Suisse, em Grenchen, Suíça (2002) e no Concurso para Jovens Regentes Eleazar de Carvalho (2002), em que conquistou o primeiro lugar. Como regente tem dado especial atenção ao repertório contemporâneo sendo responsável pela estreia brasileira de obras de importantes compositores do século XX, como James MacMillan, John Adams, Boris Tschaiakowsky, Gerald Finzi, Toru Takemitsu e Almeida Prado. Wagner Polistchuk é artista representante dos trombones Conn-Selmer tendo lançado o CD 'Collectanea', com obras para trombone e piano de compositores brasileiros em primeiras gravações mundiais em 1999 e, em 2007, o CD 'Versos Brasileiros', em que rege a Camerata Antiqua de Curitiba.

Zora SLOKAR

Trompa (Suíça)



Zora Slokar nasceu em Berna, na Suíça. É uma musicista apaixonada por música de câmara e tem colaborando regularmente em muitos projetos com grandes artistas como Martha Argerich, Gidon Kremer, Sergio Azzolini, Eduard Brunner, Maurice Bourgue e muitos outros. Ela já se apresentou no "Festival de Lockenhaus", "Festival Verbier", "December Nights Moscow", "Oleg Kagan Musikfest", "Progetto Martha Argerich" Lugano e Festival Música de Câmara "Connects the World", em Kronberg. Ganhou vários prêmios e distinções, tais como o primeiro prêmio no Concurso "Anemos", em 2002, em Roma, sendo finalista no concurso Paxman "Young Horn Players", em Londres, no mesmo ano. Em 2003 ela recebeu o primeiro prêmio no Concurso "Ceccarossi", na Itália, e, em 2007, o Prêmio de Música "Kiwaniis", em Zurique. Também foi lançada

como jovem solista pela Fundação "Orpheum" em Zurique e o "Migros/Kulturprozent". Sua formação musical começou aos cinco anos de idade com o estudo do violino. Após a graduação, ela concentrou-se na trompa, que começou a tocar com 16 anos, recebendo as primeiras lições de seu pai. Obteve o Diploma de Solista, em 2008, na "Hochschule der Künste", em Zurique. Como trompista principal, atuou com grandes orquestras como "Tonhalle Orchestra Zurich", "Ensemble Modern Frankfurt", a "Gustav Mahler Youth Orchestra" e a "Orchestra Festival Verbier". Atualmente é trompa solista na "Orchestra della Svizzera Italiana", em Lugano.

Sérgio WERNEC Jr.

Tenor (São Paulo)

Bacharel em Composição e Regência pela Universidade Estadual Paulista - UNESP. Tem atuado como cantor solista em obras como Paixão Segundo S. João, Paixão Segundo S.



Mateus, Magnificat, Oratório de Natal, entre outras. Apresentou-se com importantes orquestras como a Orquestra Sinfônica do Estado de SP, Orquestra Sinfônica Municipal de SP, Orquestra Sinfônica de Mogi das Cruzes e Sinfonia Cultura, sob a regência de conceituados maestros. Estudou piano com Evaristo da Silva, Alexandra Longobardi, João Torquato e Carlos Albertini, regência com José Ferraz de Toledo, Abel Rocha e canto com Maria Cecília de Oliveira, aperfeiçoando-se, atualmente, com Isabel Maresca. Como regente, iniciou suas atividades no Coral Masculino da Escola SENAI Suíço-Brasileira e como fundador do Coral Musicativa de Mogi das Cruzes (desde 1993). É regente titular do Coro Jovem Sinfônico de São José dos Campos, Coral da UNAI e do Coral Musicativa. Professor de canto em diversas oficinas, cursos livres e aulas particulares. Fez parte do quadro de cantores do Coro de Câmara e Coro da Osesp desde a sua formação original e desde 2002 passou a integrar o Coral Paulistano do Teatro Municipal de SP.

Stefan GEIGER

Regente (Alemanha)

É Diretor Artístico da Landesjugendorchester Bremen, na Alemanha. Nasceu em 1967, em Heidenheim, e obteve sua formação musical em Köln, Trossingen e Bremen, na Alemanha, e depois em Paris e Filadélfia. Foi bolsista da Fundação Educacional Alemã e vencedor de diferentes concursos internacionais de Trombone. Em 1991 assumiu a cadeira de trombone solo da Orquestra Sinfônica da NDR de Hamburgo. Desde 1997 é professor de trombone e música de câmara na Universidade de Música e Teatro de Hamburgo. Desde 2002 Stefan Geiger é professor visitante na disciplina de regência da Orquestra da Universidade de Artes de Bremen. Tem dado uma atenção especial à apresentação da chamada “música nova” e, assim, regularmente tem apresentando música moderna com a Orquestra da Rádio de Hamburgo. Dessas apresentações resultaram novas gravações dos chamados “clássicos modernos”, com obras de Unsuk Chin, Georg Katzer, Poul Rouders e Per Norgard. Seus compromissos já o levaram até a China, onde, em 2002, se apresentou com a Filarmônica de Câmara de Bremen. Em 2003



regeu a Orquestra do Festival Schleswig-Holstein e, em 2004, apresentou Erik Schumann, o vencedor do Prêmio Leonard Bernstein, nesse mesmo festival.

Dr. R. Paul CRABB

Regente (EUA)

Maestro e diretor das atividades Coral na Universidade do Missouri, onde obteve seu diploma de graduação em Educação Musical para o Ensino Primário e Secundário. É mestre em Desempenho Vocal e doutor em Educação Musical Coral da Universidade do Estado da Flórida. Atuou como regente assistente no Simpósio Coral russo-americano durante dois anos e seu coro foi convidado a ser coro residente no Conservatório de Moscou. De 1998 a 1999 trabalhou como professor visitante em Salzburgo, na Áustria, onde também atuou como assistente junto ao coro

da Catedral de Salzburgo. Em 2007, ele lecionou e fez palestras na Universidade de Música de Viena Darsellende Kunst, bem como realizou apresentações e palestras na Itália, Eslováquia e Taiwan. Crabb atualmente atua como regente convidado na Orquestra Barroca do Conservatório Domenico Cimarosa, onde dirigiu, em maio de 2009, uma série de concertos com músicas de Vivaldi e Bach. Seu seletor coro da Universidade do Missouri foi convidado a se apresentar na Conferência Nacional de Coral de Colégios, em novembro de 2009, e também recebeu um convite para apresentações nos festivais de música em Milão e Bolonha, em maio de 2010. Em 1997 Crabb recebeu o prêmio “Professor do Ano” da Universidade Estadual Truman. No ano seguinte, a Fundação Carnegie homenageou-o com o título “Professor do Ano” do Missouri.



Canarinhos de Campo Largo

(Paraná)

Em 1989, o Maestro Teodolino José de Souza (Théo de Petrus) apresenta ao Professor Antônio E. de Oliveira, então diretor da Escola Juventude de Campo Largo, a proposta de criação de um coro de meninos. O fato de o maestro ser natural de Petrópolis e com formação franciscana fez com ele tivesse consigo a imagem dos Canarinhos de Petrópolis. Nesse ano (1989), a antiga ideia começa a se concretizar. Numa parceria entre a Prefeitura Municipal de Campo Largo e a Escola Juventude de Campo Largo, deu-se início às atividades dos Meninos Cantores de Campo Largo. A Instituição se mantém com doação de voluntários, com cachês de apresentações e com esporádicas subvenções municipais. Em 2009, por ocasião dos seus 20 anos de atividades, sediou o XI Congresso Regional Sul de Meninos Cantores. Desde que foi agregado à Federação Nacional, participou de todos os Congressos Nacionais realizados pela Federação.



Théo de PETRUS

(Teodolino José de Souza)

Regente (Rio de Janeiro – Paraná)



Natural de Petrópolis – RJ. Estudou música no Seminário Menor dos Frades Franciscanos em Agudos-SP, onde cantou no coro por quatro anos, além de tocar na Banda Musical do

Seminário. Veio para Campo Largo por vias franciscanas para o estudo de filosofia, e dando continuidade aos estudos musicais, estudou violão clássico no Conservatório Villa-Lobos de Curitiba com o Professor Valdomiro Prodóssimo. Ao deixar a vida religiosa ingressou na Faculdade de Educação Musical do Paraná, formando-se em Arte e Educação, com especialização em Música. Fez vários cursos na área de regência, técnica vocal e composição em Curitiba, Londrina, São Paulo, Santa Catarina e Brasília. Hoje se dedica quase integralmente aos Canarinhos de Campo Largo, coro criado em 1989, dando aulas de teoria, técnica vocal, flauta doce e regendo o coro.

Jairo WILKENS

Clarinete (Pará – Paraná)

Natural de Vigia (Pará). Iniciou seus estudos de clarinete, em 1990, na Escola de Música da Banda União Vigiense (PA). Estudou de 1994 a 1998 no Conservatório Carlos Gomes (Belém - PA), na classe do professor Oleg Andryeyev (Rússia). Em 1997 e em 2000 participou de cursos de aperfeiçoamento musical nos EUA com Paul Garritson (University of Missouri) e Maurita Murphy Mead (University of Iowa). Bacharel em Clarinete pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, sob a orientação de Maurício Carneiro. Bolsista da Fundação Vitae, no programa Aperfeiçoamento em Música, de 2000 a 2004, recebendo orientação musical dos professores Luis Afonso Montanha, Olga



Kiun e Sérgio Burgani (OESP - São Paulo). Residiu nos Estados Unidos, onde foi aluno visitante na University of Missouri-Columbia, com bolsa de estudos da instituição e ocupando o cargo de Teaching Assistant (GTA). Durante esse período obteve orientação musical com Dr. Peter Miyamoto (University of Missouri), Howard Klug (Indiana University - Bloomington), Kenneth Grant (Eastman School of Music), improvisação com Dr. Doug Leiblinger (UM), entre outros. Em maio de 2008 foi selecionado para participar de concurso na Orquestra Sinfônica de Kansas City (Segundo Clarinete e Requiteira). No mesmo ano, através de audição, foi selecionado como principal clarinete da 9th Street Philharmonic Orchestra (Columbia-Missouri).

Beatriz de LUCA

Regente (São Paulo)



É Bacharel em Música, com habilitação em Composição e Regência, pela UNESP – Universidade Estadual Paulista e, em Engenharia Civil, pela Escola Politécnica da USP. Seus principais profes-

sores de regência foram Roberto Tibiriçá, Samuel Kerr, Abel Rocha e Jorge Salim. Possui também formação em canto lírico e popular. Atuou em diversos espetáculos de teatro musical no Brasil, Europa e Japão. Como regente, apresentou-se frente a várias orquestras paulistas como a Orquestra Cameramúsica Funac de Taubaté, Orquestra de Câmara da UNESP e OSSA - Orquestra Sinfônica de Santo André, da qual foi regente assistente de 2007 a 2008. Em 2009 e 2010 atuou como regente convidada junto à Camerata Antiqua de Curitiba, Paraná, na série “Alimentando com Música”. É diretora musical e regente do espetáculo musical de Claudia Raia, “Pernas pro Ar”, que excursionou pelas principais capitais do país. É co-autora de “O Regente sem Orquestra”, livro didático de regência orquestral, lançado pela Algor Editora em março de 2008.

Ivan MORAES

Ator (Paraná)

Desde 1994 é integrante da Camerata Antiqua de Curitiba. Participou de várias óperas e musicais. Foi dirigido por Sérgio Brito, Oswaldo Loureiro, Marcelo Marchioro, Stefano Poda (Alemanha), Roberto Inocente (Itália), Milk Sparanblack (Croácia), Jaqueline Daher e Edson Bueno. Em 1999 produziu “L’elisir D’Amore” e, em 2005, “As Estrepulias de Teresica”, com direção musical de Roberto de Regina. Em Adria, Itália, atuou em La Bohème, como Parpignol. Com o Coro da Camerata Antiqua de Curitiba, esteve em turnê na Alemanha e Portugal. Participou das apresentações dos concertos cênicos “Cores do Brasil”; “A Fantasia” e “Música Brasileira do Século XX”, em destacado Simpósio e Festival Internacional de Coros, na Dinamarca e na Itália.



Ana VARGAS

Soprano (Paraná)

Soprano, Bacharel em canto pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Morou na Alemanha, onde teve aulas de canto e também atuou como cantora em recitais. De volta ao Brasil, fez curso de especialização em Performance em Canto, na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. É integrante da Camerata Antiqua de Curitiba como cantora e solista. Foi solista em recitais diversos e sua atuação se dá com ênfase para a música de câmara. Em 1999 gravou, com o Coral Porto Alegre, o CD Novenas do Padre José Maurício Nunes Garcia. Membro fundador do “Collegium Cantorum – Coro Feminino”; desde o início tem sido a responsável pela preparação vocal das integrantes.



Jacqueline DAHER

Direção Cênica (Paraná)

Artista plástica, natural de Curitiba, atua há mais de 26 anos como diretora de arte na criação de ambientes cenográficos na área de vídeo, cinema, eventos culturais, artísticos, sociais e corporativos em todo o país. A vivência com o teatro iniciou em 1983, quando fundou, com Raul Cruz, a Cia das Índias de Teatro. A companhia tinha uma proposta de pesquisa experimental, passando a desenvolver uma linguagem em que todos os sentidos se fundem para facilitar a absorção da vida pela maneira mais direta, pela estética. A companhia produziu



vários espetáculos de sucesso até 1994. A partir dessa experiência, passou a conceber e dirigir shows para grupos instrumentais e cantores de música brasileira. Em 2008, participou do 8º World Sym-

posium on Choral Music, em Copenhague – Dinamarca, fazendo a direção cênica de dois concertos: Cores do Brasil e Lampejos da Música Sacra Brasileira, ambos apresentados pelo Coro da Camerata Antiqua de Curitiba. Em junho de 2009, esteve no 18º Festival Corale Internazionale “La Fabbrica Del Canto”, dirigindo o Coro da Camerata em quatro distintos programas cênicos.

Pablo GUÍÑEZ

Contrabaixo (Chile – Brasil)

Nasceu em Santiago, Chile, em 1982. Licenciado em Artes e Interpretação Musical, especialidade Contrabaixo, pela “Universidad del Chile”, em 2006. Pablo Guiñez começou seus estudos de contrabaixo aos 15 anos com a Professora Alejandra Santa Cruz. Continuou seu aperfeiçoamento nos anos de 2007 e 2008, em Berlim, na Hochschule Für Musik Hanns Eisler, onde foi aceito em primeiro lugar para integrar a classe do Professor Esko Laine (Filarmônica de Berlim). Por vários anos foi o primeiro contrabaixo solista da Orquestra Sinfônica Nacional Juvenil do Chile e da Orquestra de Câmara do Teatro Municipal



de Santiago. Selecionado duas vezes em concurso internacional para integrar o importante Schleswig Holstein Music Festival na Alemanha, nos anos de 2005 e 2007. Em sua jovem carreira, trabalhou com grandes maestros e importantes solistas internacionais como Christoph Eschenbach, Yutaka Sado, Christopher Hogwood, Ivan Fischer, Midori, Lang Lang, Mischa Maisky, dentre outros. Em 2008 foi convidado pela Orquestra de Câmara de Stuttgart, para realizar turnê na América Latina, como solista de contrabaixo. Realizou dois recitais com piano e um *masterclass* em 2010, na Capela Santa Maria, dentro do ciclo “Música de Câmara na Capela Santa Maria”, da Fundação Cultural de Curitiba. Atualmente é primeiro contrabaixo solista da Camerata Antiqua de Curitiba.

Winston RAMALHO

Violino Spalla – Direção Musical

Winston começou a estudar violino aos 8 anos de idade. Foi orientado no Brasil e no exterior pelos professores Hildegard Soboll, Marco Damm, Elisa Fukuda, Wolfgang Redik, Naoko Tanaka e da famosa pedagoga Dorothy Delay na Juilliard School de Nova York. Posteriormente foi aluno e assistente do consagrado professor e solista Tibor Varga na UNIVERSITÄT FÜR MUSIK UND DARSTELLEND KUNST GRAZ, na Áustria. Alcançou o primeiro lugar em vários concursos nacionais e internacionais, entre eles o Jovens Instrumentistas do Brasil I e II, Concurso Paulo Bosio, Concurso Jovens Solistas da Osesp, Prêmio Jovem Talento do Soroptimist International of the Americas, Prêmio do Público, e o Shell Competition for Young Musicians, em Londres. Foi solista de importantes orquestras do Brasil e do exterior como a Orquestra Sinfônica do Paraná, Orquestra Sinfônica de São Paulo, Orquestra de Câmara Tibor Varga (onde também atuou como spalla), London Schools



Symphony Orchestra e Camerata Fukuda. No ano de 2008 foi diretor artístico da série de Concertos Internacionais no Mosteiro de São Bento, e no ano de 2009 foi também curador da série de concertos internacionais “Clássicos dos Clássicos” realizada no Teatro da União Cultural Brasil-EUA. Desde 2008 é Diretor Artístico do Instituto Música da Futurong, em São Paulo.

Simone FOLTRAN

Soprano (Brasil – Alemanha)



Simone Foltran é natural de Porto Alegre e graduou-se em Piano e Canto na EMBAP, na classe de Neyde Thomas (1994). Estudou com Ingrid Figur, Julie Kaufmann e Axel Bauni

na UdK-Berlim como bolsista da CAPES (1997). Pós-Graduação na HfM Dresden, com bolsa da Fundação Vitae, onde foi aluna de Peter Schreier e Sir Colin Davis. Atuou com a OSESP em “La Cenerentola”, na reinauguração do Teatro São Pedro (1998) e regência de Roberto Minczuk. No Theatro Municipal de São Paulo cantou “Carmina Burana” (Orff), sob regência de Luiz Fernando Malheiro, que a convidou para participar do IV Festival de Ópera no Teatro Amazonas, como Condessa em “As Bodas de Fígaro” (Mozart). Com a orquestra “Berliner Symphoniker” cantou a ópera “O Cavaleiro da Rosa” (Richard Strauss). Participou do ciclo “Lied Strahl” de música contemporânea na EXPO 2000/Hannover. É solista convidada do “Ensemble Cosmopolitano Berlin” de música latino-americana. Gravou a Cantata Ulisséia e o Réquiem do Padre José Maurício na Universidade do Texas (USA), com regência de Ricardo Bernardes (2007). Cantou no III Festival de Música de Câmara “Ofrenda Musical”, no Teatro São Pedro (SP), sob direção de Alex Klein (2010).

Leonardo PACE

Baixo/Barítono (São Paulo)



Debutou em 2003, como Hermann na ópera Os Contos de Hoffmann no Theatro Municipal de São Paulo, sob a regência de Jamil Maluf. No mesmo ano foi um dos vencedores

do “IV Concurso Internacional de Canto Lírico Bidú Sayão”, em Belém do Pará. Natural de São Paulo iniciou seus estudos musicais com o violino, viola e canto com seu pai, tenor e violista, Héctor Pace. Estudou também com Leilah Farah e Lenice Prioli. Nos anos de 2002 e 2003 foi premiado com Bolsas de Estudos da Fundação Vitae do Brasil. Em 2008 participou do XII Festival Amazonas de Ópera em Manaus, cantando no concerto Barroca (Haendel), sob regência de Marcelo de Jesus e ainda como Arlequim em Ariadne auf Naxos (R. Strauss) e Rei da França, na estreia brasileira da ópera Ça Ira (Roger Waters), sob regência de Luiz Malheiro, no Teatro Amazonas. No mesmo ano ingressou no Coral Lírico do Theatro Municipal de São Paulo e ainda foi Belcore em L’Elisir D’amore, no CCJ, e Marcello em La Bohème, em Campos do Jordão. Foi solista do Coral Lírico e da Orquestra Experimental de Repertório, cantando O Messias (Haendel), sob regência de Julianio Suzuki. Em 2010, foi o cego Manacor da Zarzuela “El Niño Judio” (Pablo Luna) no Teatro São Pedro, voltou a cantar com a Orquestra Experimental de Repertório na ópera I Pagliacci, como Silvio, no Auditório do Ibirapuera, e cantou Schumann e Chopin na Sala Oscar Americano.

Clenice ORTIGARA

Piano (Paraná)

Concluiu os cursos de Bacharelado em Piano (1997) na classe de Leilah Paiva, e Licenciatura em Música (1998), ambos na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Recentemente concluiu o duplo Mestrado em *Piano Performance*, Música de Câmara e Ópera na Universidade do Missouri, nos Estados Unidos, com Dra. Janice Wenger. Ocupou o cargo de professora assistente por três anos conse-

cutivos, como pianista exclusiva do curso de Ópera na Universidade do Missouri. Natural de Cascavel, iniciou seus estudos de piano em 1980 com sua mãe, Erminia Roldo Ortigara. Dentre os professores que auxiliaram em sua formação musical, estão Olga Kiun, Gilberto Tinetti, Fernando Lopes, Luis Henrique Senise, Michael Uhde, Sontraud Speidel, Fany Solter, Linda Bustani, Peter Frankl e Robert Spillman. Detentora de mais de 20 primeiros prêmios em competições nacionais e internacionais de piano e música de câmara. Em abril de 2009 foi a única brasileira agraciada com o prêmio de melhor pianista camerista e acompanhadora (“*Achievement Award Outstanding Accomplishments and Dedicated Service in Accompanying – Dept. of Music*”) da Universidade de Missouri e teve seu nome escrito em uma placa exposta no hall de premiados da universidade.



Carmen Célia FREGONEZE

Piano (Paraná)

Pianista curitibana, tem se apresentado como solista e camerista no Brasil, Europa e Estados Unidos. Concluiu o Mestrado em Música na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e, posteriormente, graduou-se em *performance* musical na *Musikhochschule* Stuttgart, Alemanha. Após ter sido classificada em primeiro lugar pela CAPES, prosseguiu seus estudos nos Estados Unidos, onde finalizou em maio de 2007 o Doutorado em Música na The Catholic University of América, em Washington, na classe da professora pianista Marilyn Neeley. Participou de festivais internacionais de música na Costa do Estoril, em Portugal, no Conservatório Tchaikovsky, em Moscou, de vários *masterclasses* com renomados artistas – Boris Berman, Jorg Demus,



Charles Rosen, Ann Schein, além de ter sido premiada em concursos nacionais. Em 2009 esteve na University of North Texas para participar do seminário “Piano Wellness”, ministra-

do pela pianista Sheila Paige. Em 1991 foi aprovada em primeiro lugar em concurso público como docente na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, exercendo o cargo de professora de piano e música de câmara dos cursos de extensão e graduação.

Helma HALLER

Regente (Paraná)

Cantora e bacharel em regência e composição pela EMBAP. Fez vários cursos de especialização dentro e fora do país. Seu trabalho como musicista, educadora, cantora e regente



diferencia-se pela meticulosidade e refinamento do acabamento em suas interpretações, bem como pela seriedade da pesquisa em torno da música de concerto brasileira. Maestrina, atualmente regente do Coro da Camerata Antiqua de Curitiba, integra também seu Conselho Artístico. Desde 1980 participa como cantora, tendo desempenhado várias funções durante todo esse período. No ano de 2000, criou o “Collegium Cantorum – Coro Feminino”, do qual é Diretora Artística. Este conjunto tem-se apresentado anualmente em importantes festivais internacionais, distinguindo-se a participação no “4º Internationale Festtage Geistlicher Chormusik”, na Alemanha, e com a “Akademiechor und Orchester Stuttgart”, na Suíça, em 2005. Em seus programas procura unir as várias linguagens poéticas, visando uma interpretação mais abrangente. Envolvendo a retórica musical e do texto, o movimento dramático e cênico, bem como a estética visual, zelando pela excelência da música, pretende construir um elo com o público e incluir o conteúdo artístico na vida diária do espectador.

Raíff DANTAS BARRETO

Violoncelo (Paraíba – São Paulo)

Violoncelista brasileiro, toca no QuartaD (com o qual gravou o Quartour pour la fin du temps, de Olivier Messiaen), com o pianista Álvaro Siviero e também com o soprano Rose de



Souza. Gravou dois CDs pelo selo YB, Duo Quanta (2001) e Quarteto Camargo Guarnieri (2003). Em 1999 fez a estreia brasileira do concerto nº2 para violoncelo e orquestra de Dmitri Shostakovich, com a Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal de São Paulo. Em 2007 fez a estreia nacional da Sinfonia Concertante para violino e cello de Miklos Rosza com o violinista Pablo de Leon. Desde 2001 é o primeiro violoncelo da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal de São Paulo. Desde 1998 toca no violoncelo “Príncipe do Brasil”, construído pelo luthier Saulo Dantas-Barreto. Em 2009 lançou o CD “José Guerra Vicente” juntamente com o pianista Marcos Aragoni, o soprano Rose de Souza e a violinista Ludmila Vinecka. Em dezembro de 2009, lançou o CD “Francisco Mignone-Valsas” para violoncelo solo.

Victor Hugo TORO

Regente (Chile – Brasil)



Vencedor do II Concurso Internacional de Regência Orquestral - Prêmio OSESP, organizado pela Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. Victor Hugo nasceu em Santiago, graduou-se

pela Faculdade de Artes da Universidade do Chile e realizou estudos de regência orquestral com David del Pino Klinge, como bolsista da Orquestra Sinfônica do Chile. Além da OSESP, onde foi Regente assistente, tem sido convidado a reger a Orquestra Jovem do Estado de São Paulo, as Sinfônicas da Bahia, do Sode (Uruguai), a da Universidade Nacional de Cuyo (Argentina), de Rosário (Argentina) e da Filarmônica da Universidade Nacional Autônoma do

México, colaborando com grandes regentes como Eiji Oue, Antoni Wit, Osmo Vänskä, Alain Lombard, Stanislaw Skrowaczewski, Josep Pons, Mario Venzago, Gerd Albrecht, Helmut Rilling, Peter Schreier, além de importantes compositores como Leif Segerstam, John Corigliano e Peter Maxwell Davies. Em outubro de 2008 assumiu o cargo de diretor artístico assistente da OSESP, após convite feito pelo maestro John Neschling. Também em 2008 foi escolhido como um dos cem líderes jovens do Chile pelo jornal “El Mercurio” e em 2009 recebeu uma homenagem da Câmara Municipal de São Paulo pelo seu trabalho em prol da música, da sociedade paulistana e do acercamento cultural entre Chile e Brasil. De 2009 a 2010 foi Regente Principal da Orquestra Sinfônica do Sodre, no Uruguai. Atualmente Victor Hugo é Diretor Artístico Assistente e Regente Residente da Companhia Brasileira de Ópera.

Natália Áurea

Soprano (São Paulo)

A soprano Natália Áurea nasceu em São Paulo e estudou canto na Escola Municipal de Música, onde se profissionalizou sob orientação de Andrea Kaiser. Quando cursava o segundo ano de canto, foi contratada pelo Coro Sinfônico da Osesp e um ano mais tarde convidada para também integrar o Coro de Câmara. Trabalhou com importantes diretores e regentes, atuando como solista em óperas e oratórios no Teatro Municipal e na Sala São Paulo, realizou gravações com a orquestra e o Coro da Fundação Osesp e desenvolve intenso trabalho como professora de canto e aluna de Fonoaudiologia.



Endereços

Capela Santa Maria Espaço Cultural

Rua Conselheiro Laurindo, 273, Centro
Telefones (41) 3321-2840 / 3321-2842

Paróquia Nossa Senhora Aparecida

Av. Nossa Senhora Aparecida, 1637, Seminário
Telefone (41) 3274-3477

Paróquia Pio X

Rua Hermes Fontes, 1073, Batel
Telefone (41) 3244-4463

Paróquia Bom Pastor

Rua Victorio Viezzer, 810, Vista Alegre
Telefone (41) 3335-5552

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



Ministério da
Cultura



APOIO CULTURAL

